

A Malta do 2º C

Catarina da Fonseca

Prémio INASSET
Inéditos de literatura infantil
1988

1

A Outra falava.

Tinha uma voz que se enrolava nos ouvidos, e descia, e deslizava, e ficava quieta no ar. Também tinha um cabelo maluco, planando por cima das orelhas como as copas das árvores de África. O cabelo abanava ao som das palavras.

Que devíamos ser todos muito bonzinhos e bem comportados. Que já não éramos criancinhas como os do 1.º ano. Que ela tinha a certeza que, no fundo, no fundo, todos nós éramos génios.

Nessa altura ainda ninguém se riu, porque metade da turma estava a fazer barquinhos de papel com a folha de informações, e a outra metade discutia sobre a aula que vinha a seguir a História na quarta-feira, se era ou não de Trabalhos Manuais, e se Trabalhos Manuais era com ou sem tracinho. E também ainda ninguém conhecia a Rosalina, que se tinha enganado na sala e andava nessa altura a visitar a escola com uma turma do 1.º ano.

Foi aí que entrou a Inês de Castro e berrou:

- Rosalina Fernandes!

Toda a gente se pôs de pé, menos o Pilha-Seca, que estava a apanhar uma estação-pirata com o mini-rádio da tampa da caneta, e a Rosalina Fernandes, que ainda andava na excursão a pensar que, pela primeira vez na vida, tinha acertado com a sala.

A Outra respondeu que não tinha nenhuma Rosalina na lista, e que não devia ser dela com certeza, a Inês de Castro declarou «olhe, minha é que ela não é!», a Outra empertigou-se «que quer que eu lhe faça? Tenho duas Anas Marias, três Sandras, uma Flávia, mas nenhuma Rosalina». A Inês de Castro declarou que folgava muito em saber que as Flávias estavam no seu lugar, mas que há meia hora andava há procura de uma Rosalina, enquanto lá do fundo a Flávia assegurava que teria preferido mil vezes chamar-se Rosalina, mas que na família queriam Flávia por causa de uma antepassada que tinha fugido aos franceses, e que por isso a culpa era da França.

Foi então que a Outra nos mandou pela escola for a à procura da tal Rosalina, «perguntem nas salas», disse ela, «no bar, na biblioteca, em toda a parte».

Meia hora depois estávamos de volta, for a o Pilha-Seca, que tinha ficado na sala de Música a tentar afinar o piano, e o João Nuno e a Flávia, que tinham descoberto um dedo a mais na mão direita do esqueleto do gabinete de Ciências, e tinham ido ao Conselho Directivo saber se aquilo era a Padeira de Aljubarrota ou defeito do material escolar. Faltavam ainda o Gonçalo, que tinha encontrado um primo e ido para casa; a Alzirinha, que tinha ido atrás do Gonçalo e do primo, porque ouvira dizer que havia um campo de futebol para aqueles lados; e o Ezequiel, que tinha ido atrás da Alzirinha a dizer que já não éramos criancinhas como os do 1.º ano, e se ela queria chumbar por faltas logo no primeiro dia de aulas.

Faltava também o Zé Pedro, que tinha ido atrás do cão do jardineiro, ficado trancado dentro do barracão das ferramentas, e pregado um susto de morte à D. Isabel que ia a passar. Ao ouvir os gritos do Zé Pedro, «tirem-me daqui! tirem-me daqui!», ainda por cima acompanhados pelos latidos angustiados do Birinhas, fugira pela escola fora a berrar que o fantasma do reitor Simões tinha voltado. A Outra declarava que fantasmas não existiam, e que o reitor Simões já tinha morrido há um ror de anos, mas a D. Isabel respondia que essa do reitor Simões estar morto era demasiado bom para ser verdade, além de que a sua voz era inconfundível. Tudo isto enquanto lá dentro do barracão o Zé Pedro suplicava que parassem de discutir sobre o Simões e o tirassem dali.

A Outra perguntou, «Zé Pedro, és tu?», o Zé Pedro respondeu, «quem queria que fosse, a minha mãezinha?», a Outra mandava buscar a chave e chamar o Sr. António, e a D. Isabel resmungava que não lhe bastava o fantasma do reitor, agora até já lá estava o fantasma da mãezinha. O João Nuno comentava que o melhor era arrombar a porta como num filme que ele tinha visto em que entravam dois gajos a dizer «mãos ao alto!», mas o outro que lá estava já se tinha evadido e o Zé Pedro berrava que evadir-se queria ele, só não via por onde.

Entretanto, chegou a Flávia, sem o Sr. António, que tinha ido almoçar, e sem a chave, que tinha desaparecido misteriosamente. Era o Sr. António - assegurava ela - que queria ter acesso secreto ao barracão, para aí esconder uma carga enorme de contrabando que depois passava ilegalmente pela alfândega, embora o Zé Pedro declarasse lá de dentro que o único contrabando que via eram couves e ancinhos, e quem lhe dera a ele passar-nos a todos pela alfândega, legalmente ou não. A D. Isabel só suspirava e dizia que nunca pensara que a mãe do reitor falasse daquela maneira.

Enfim, depois de vários «estás bem, Zé Pedro?» por parte da Outra; «está bem, senhor reitor? E a sua mãezinha?» por parte da D. Isabel; e «hão-de vocês estar cá dentro que eu dou-vos a mãezinha!» por parte do Zé Pedro - lá apareceu o Sr. António. Tirou a chave debaixo do capacho e libertou o Zé Pedro. Ouviu-se o grito da D. Isabel, «hiiiiiiii! O reitor em pequenino», a voz desconfiada do Zé Pedro, «mas que brincadeira é esta?», a exclamação da Flávia «reitor?! Mas o reitor agora não é a Inês de Castro?», e o suspiro cansado da Outra, «venham lá, vamos acabar a aula».

Mas a aula não acabou aí. A aula continuou com o não muito caloroso acolhimento da Rosalina, que tinha descoberto, a meio da excursão, que já conhecia aquilo tudo e que ainda não era daquela de acertava com a sala.

Por aquela altura já ninguém sabia muito bem o que é que a Rosalina tinha a ver com a história. A Outra sentou-se lentamente e disse:

- Bom, agora parece que finalmente está tudo no seu lugar...

Íamos por fim acabar a aula quando entrou um professor, a pedir muita desculpa, que andava a mostrar a escola a uma turma do 1.º ano, que lhe faltava uma aluna, e se ninguém vira por aí uma certa Rosalina Fernandes.

2

A Rosalina tinha sido raptada em bebé.

Pelo menos era o que ela dizia.

Que os seus verdadeiros pais eram reis de um país qualquer no fim do mundo, onde só havia laranjas e camelos. O Zé Pedro disse logo que, se era por causa das laranjas, escusava de ir ao fim do mundo porque no Algarve havia muitas e, com alguma sorte, sempre se havia de arranjar um ou outro camelozinho, nem que fosse importado de Marrocos. Mas foi imediatamente rotulado de bruto insensível, e condenado a não ouvir o resto da história – a qual continuava com o dramático reconhecimento da Rosalina pela verdadeira mãe, através de uma mancha em forma de coração atrás da orelha direita.

- Acho difícil - disse a Flávia. - Tão, escondida, tão escondida, a tua mãe só a descobria se fosse no Metro em hora de ponta, quando vai tudo tão juntinho que até se pode ver debaixo das orelhas dos outros, mas além disso se a tua mãe fosse assim tão rainha, também não ia agora meter-se no Metro com a plebe toda... Por acaso houve uma tia minha que uma vez ia no Metro e se lhe meteu na cabeça que uma senhora que lá ia era a rainha de Inglaterra e passou a viagem toda a chamar-lhe Vossa Alteza e Sua Majestade, e até lhe pediu um autógrafa, e foi a correr contar a toda a gente que o pseudónimo da rainha Isabel era Conceição da Silva.

Com a Flávia fora da jogada, a Rosalina continuava, imperturbavelmente, a história da sua vida. Os pais montavam no tapete mágico e haviam de a levar de volta para o palácio de cristal, e ela nunca mais havia de voltar para os falsos pais, que não passavam de míseros raptadores à espera de melhor altura para exigirem o maior resgate do mundo. E que ela havia de ser rainha, e casar com um príncipe loiro e de olhos azuis...

- ... e de pala como o Camões! - Suspirou a Alzirinha.

E foi aí que a Rosalina decidiu acabar com o reinado de uma vez por todas, porque com insensíveis destes não valia a pena.

No entanto, tornou a contar a mesma história quando a Outra nos pediu que escrevêssemos as nossas primeiras recordações. A Outra bem lhe disse que aquilo não eram recordações. Que aquilo não tinha acontecido. A Rosalina barafustava de tudo tintim por tintim, que a verdadeira mãe tinha olhos azuis e cabelo loiro.

A Outra dizia que ela não se podia lembrar de casar com um príncipe, porque ninguém se pode lembrar de uma coisa que ainda não aconteceu.

- Não aconteceu, mas vai acontecer. Mais ano menos ano, que diferença faz?

Então meteu-se a Flávia ao barulho:

- Setôra, então também posso contar a da minha antepassada que fugiu aos franceses?

- Ó burra - gritava o João Nuno -, a tua antepassada fugiu aos franceses há mais de 150 anos, e por muito boa que seja a tua memória duvido que chegue até lá...

- Chega, sim senhora! - declarava a Flávia. - Lembro-me perfeitamente: tinha olhos azuis e cabelo loiro!

E a Rosalina deitava-lhe olhares furibundos e resmoneava secretas vinganças, a fazer cumprir quando fosse rainha poderosa, casada com um príncipe louro e de olhos azuis como a mãe e como o setôr de Ginástica.

E a Outra olhava pela janela e batia com o livro de pondo na mesa e dizia que, vendo bem, tanto se lhe dava: o que ela queria eram frases com tudo no lugar, verbos, adjectivos, modificadores, essas tralhas, e até podiam contar o que é que tinham comido ao pequeno almoço, se a memória a mais não alcançasse.

Então o João Nuno disse que lá por causa disso ela já podia ter dito: assim ele ia contar o pavoroso episódio em que dera pelos seus dedos na mão do esqueleto, porque quando fosse velho havia de se lembrar disso com certeza, e assim já adiantava tempo.

A Flávia disse «que boa ideia», ela também ia contar a do esqueleto. O João Nuno

disse que quem contava era ele, porque tinha visto primeiro. A Flávia disse que ela contava da mão direita e ele contava da mão esquerda, porque afinal tinham ambas seis dedos. O João Nuno disse que deixasse os dedos em paz e falasse da antepassada ou do pequeno-almoço, porque afinal, como a setôra dissera, os modificados e essas tralhas é que contam. A Flávia disse que não percebi o que é que os modificadores e essas tralhas tinham a ver com a sua antepassada. A Outra disse que se calassem, por amor de Deus, porque ela tinha uma maldita dor de cabeça e ainda mais quatro aulas para dar.

3

A Outra avisou-nos que ia chegar um novo aluno, e que tínhamos de ter paciência com ele. Porquê, é que ela não dizia. Rodava as contas do colar, como se rezasse e repetia que era preciso paciência, muita paciência.

Aquilo acabou por assustar.

Ninguém nos tinha pedido paciência com a Rosalina e as salas trocadas, com o Ezequiel e as faltas a vermelho, com o Pilha-Seca e a rádio-pirata de Galinheiras-de-Cima, com a Flávia e a antepassada, com o João Nuno e os seis dedos do esqueleto. Claro que às vezes também nos diziam que era preciso muita paciência para nos aturar. Mas partia-se do princípio de que, sendo todos da mesma laia, teríamos a paciência suficiente para nos aturarmos uns aos outros.

Cristóvão.

Tinha um ar solene.

Um ar de Príncipe Encantado, como aquele que um dia viria buscar a Rosalina.

A gente dizia: «vem aí o Cristóvão» - e o mundo parecia maior, e nós parecíamos mais crescidos.

A gente dizia: «Cristóvão» - e todos os corredores ficavam de repente cheios de ecos e murmúrios. Dizia-se até que o reitor Simões se chamava Cristóvão - para grande indignação da D. Isabel, que até foi ao Concelho Directivo dizer que Luís Alberto é que era, e que os alunos da escola deviam saber de cor os nomes dos seus directores, tal como sabiam de cor os nomes dos reis, e já era uma grande sorte saber que o Afonso Henriques era o primeiro (se não fossem como a Alzirinha, que teimava que era o Camões), ninguém ligou muito ao projecto. Nos intervalos havia excursões ao retrato do reitor Simões, que ficava à entrada da escola para aterrorizar os encarregados de educação que chegavam e davam de caras com aquele olhar fulminante.

De resto, foi só isso que a gente encontrou: o olhar fulminante, e «Ao reitor Simões dos seus alunos respeitosos, 1935» escrito em baixo, e «Pedro “love” Anita» escrito em cima - mas nada de Cristóvão, Luís Alberto ou Xavier. O Ezequiel disse que quando fosse crescido também queria ser reitor, a Alzirinha disse que ele era tal e qual o Camões menos a pala, o Pilha-Seca disse que ela fixe e altamente, a Luzinha disse «coitadinho», a Flávia disse que só era pena não se chamar Flávio, e o João Nuno disse que ela era burra - e depois fomos para a aula de História.

- Cristóvão - disse o setôr. - Não vos lembra nada, este nome?

- Não - disse a Rosalina, enquanto o Ezequiel punha a mão no ar, mas como o Ezequiel andava sempre de mão no ar, a gente nem ligava. Até dava um ar internacional de Estátua da Liberdade.

- Pensem bem... - insistia o setôr. - Cristóvão... navios... mar... Quem é que vos lembra?

- Camões... - disse a Alzirinha. Mas também ninguém ligou porque, tirando o futebol e o setôr de Ginástica, a única paixão da Alzirinha era o Camões. O setôr perguntava «quem foi o primeiro rei de Portugal? Quem mandou construir a Torre de Belém? Quem era a mulher de D. Fernando?» - e a Alzirinha, de olhos em alvo, murmurava «Camões, Camões». De modo que nunca ninguém chegou a saber se era paixão, se era burrice.

- Bem, como ele naufragou uma vez, pensei...

- Ai Alzira, Alzira - suspirou o setôr. - O que tu tens nessa cabeça é que eu gostava de saber. Miolo não é, com certeza.

A Alzirinha ficou pouco ofendida.

- É côdea, setôr Meireles, é côdea.

- Eu tinha um tio chamado Cristóvão que era padeiro - interrompeu a Flávia -, levava papo-secos aos presos de uma prisão, e então uma vez meteu-se-lhe na cabeça libertar um francês que lá estava, e que se dizia que era rico como tudo, e lhe tinha prometido uma recompensa. Então o tio Cristóvão meteu uma lima dentro de um pão. Só que o francês era tão bonzinho e tão parvo que

cortou logo a metade do pão que tinha a lima e deu-a a um colega com mais fome do que ele e mais esperteza. No outro dia o tal colega estava cá for a, e eternamente grato ao francês, coitadinho, que passou o resto dos anos da pena à espera de uma lima que nunca apareceu e que, depois de trinta anos de xadrez, foi ao encontro do tio Cristóvão de pistola em riste. E diz-lhe o tio Cristóvão: «então essas grades?, duras de limar, pelos vistos...»

- E a recompensa? - perguntou o Zé Pedro.

- Um balázio nos cornos, meu - resmungou o Pilha-Seca.

- Não foi nos cornos, foi na mercadoria - tornou a Flávia. - Todos os cacetes, os «croissants», as vianinhas, os bolos de arroz, tudo cheinho de balas... O tio Cristóvão fartou-se de ter reclamações, ficou desonrado, e uma data de dentistas fizeram fortuna...

- E o francês?

- Casou, foi muito feliz, e nunca mais na vida deu metade de nada a ninguém!

Aparentemente o setôr Meireles não gostava de finais felizes. As pontas do bigode estavam todas torcidas para baixo. Até o cabelo estava a ficar cinzento.

Bom, meninos, eu cá não quero tios para nada, quero é saber quem foi uma pessoa importante chamada Cristóvão. Pensem no mar!

- A minha avó está sempre a rezar a um que se afogou - disse o Zé Pedro -, mas não sei se foi no mar. A minha avó só diz que ele ia pela água abaixo, que já a tinha acima do nariz, e depois o menino ascendeu.

- Coitadinho! - gemeu a Luzinha. Mas a gente nem ligou muito, porque a Luzinha tem pena de quem quer que seja.

O setôr abanou a cabeça, o Zé Pedro tentava desculpar-se («pelo menos não era meu tio...»), enquanto a Rosalina bichanava que não tinha percebido nada aquela história do menino que acendia, e o Ezequiel berrava que já estava farto de estar com a mão no ar, e que se não o deixassem dizer que era o Cristóvão Colombo se demitia. Como, de qualquer modo, o Ezequiel ainda nem sequer tinha sido eleito, também ninguém ligou muito.

4

A Outra era perita em árvores. Não em árvores normais, com folhas e ramos e tronco, que nos metiam em sarilhos, como daquela vez em que a gente tinha ido às nêsporas da D. Piedade, e a D. Piedade berrava que a nespereira lhe pertencia porque o tronco estava do lado dela, e a gente dizia que o tronco a gente não queria, só as nêsporas, que por acaso até estavam do nosso lado.

As árvores da Outra também tinham ramos e tronco, e às vezes também nos metiam em sarilhos. Só lhes faltavam as nêsporas - mas em compensação tinham sintagmas, modificadores e complementos de sobra.

Era a última aula. Vontade de ir para casa. Tanta vontade de ouvir tocar a campainha que os ouvidos doíam. Fome. A Outra escrevia no quadro:

- Jorge dá uma pêra a João. Jorge, sujeito; dá, predicado; uma, determinante; pêra, complemento directo; João, complemento indirecto. Perceberam?

Percebemos. Que é como quem diz, percebeu o Ezequiel. A Flávia desenhava florinhas à volta das palavras, o Zé Pedro murmurava que o Jorge bem podia ter dado uma pêra à classe inteira em vez de ser só ao João. O João Nuno julgou que era com ele e ameaçou o Zé Pedro que se não se calasse, quem levava uma pêra era ele. O Zé Pedro disse que não respondia a provocações de complementos indirectos, o João Nuno disse «repete lá», o Zé Pedro repetiu, o João Nuno deu-lhe uma pêra e foi chamado ao quadro.

Foi aí que entrou a Inês de Castro e gritou:

- Cristóvão!

A Rosalina perguntou:

- Qual deles?

A Outra suspirou:

- Outra vez, não...

E o João Nuno ficou eternamente grato à Inês de Castro, porque naquele momento não se lembrava exactamente que raio seria o complemento indirecto.

A Inês de Castro fez cara de quem não estava a perceber nada, depois fez cara de quem já se estava a habituar a não perceber nada, depois fez cara de quem nem por cima do seu cadáver se havia de habituar a não perceber nada, e disse simplesmente:

- O Cristóvão desapareceu.

- Coitadinho! - gemeu a Luzinha.

- Bom, meninos - gemeu a Outra, e toda a gente teve a vaga sensação de já ter passado por aquilo, só que desta vez fomos todos juntos, para ninguém se lembrar de ficar preso na arrecadação do quintal.

Por acaso acabámos todos à mesma no quintal, porque na altura em que nos preparávamos para assaltar o bar apareceu a D. Isabel a gritar que estava um fantasma no meio das couves.

- É outra vez o reitor Simões em pequenino - disse a Flávia. O Zé Pedro ficou furioso porque ainda não se esquecera da história da arrecadação, e nós ficámos muito preocupados porque, se o grandalhão do Zé Pedro era o reitor Simões em pequenino, o que não seria o reitor Simões em grande. Mas nessa altura, como diria o setôr Meireles quando contava a história do Cristóvão Colombo, que toda a gente ficou a saber de cor e salteado, «nessa altura o mundo tinha os olhos postos em nós» e já não podíamos voltar atrás.

Era realmente como se alguém tivesse andado metido nas couves. Havia um carreiro de pegadas pequenas, feitas com muito cuidado por entre as folhas. Até nos lembrámos do Birinhas, que às vezes também é atacado por um súbito amor pelo campo. Mas os carreiros do Birinhas eram geralmente por cima das couves e não por entre. E o Birinhas não usava ténis.

O fantasma do reitor Simões, desta vez «em grande», erguia-se, negro e ameaçador, regressado para assombrar a escola, o quintal, as couves. A D. Isabel avançava majestosamente,

prestes a provar que afinal quem tinha minhocas na cabeça éramos nós. A Luzinha murmurava «coitadinho» por cada couve em que tropeçava, o Pilha-Seca murmurava «vampiro sangrento em missão perigosa» soprando para dentro do rádio, a Outra tinha o ar de quem precisava de uma aspirina e de um banho quente, a Inês de Castro marchava contra o inimigo, e o Ezequiel dissertava alegremente sobre «a problemática da couve, tendo em conta a dicotomia fantasma/reitor Simões».

Foi então que vimos o fantasma.

Estava encostado às grades, mas do lado de fora e, para dizer a verdade, era mais parecido com uma daquelas criaturas de outro planeta que de repente - por azar, por avaria, seja o que for - vêm cair à Terra. tinha um ar vagamente perdido, e olhava para nós com uns olhos muito piscos, mãos ambas agarradas às grades como um preso de lado de fora da cela. Além disso, era completamente careca.

A Inês de Castro avançou para as grades. Aquilo estava a ficar igualzinho aos «Encontros Imediatos de Terceiro Grau», em que o terrestre avançava para a nave espacial, e as criaturas à espera, e o pobrezinho engolido pela nave, com uma data de efeitos especiais e tudo. Pobre Inês de Castro, que até nem era má pessoa, embora às vezes mandasse problemas a mais nos trabalhos de casa. Não merecia acabar assim, engolida por outro planeta.

Mas a Inês de Castro não devia ter visto o filme. Chegou às grades e disse:

- Cristóvão, não estavas melhor cá dentro?

Como ela tinha o nariz apertado, por causa do cheiro a gatos, aquilo saiu um bocado fanhoso. E de qualquer maneira, a versão estava trocada. Não era o terrestre que convidava a criatura, era a criatura que convidava o terrestre.

Mas a criatura deitou-lhe um olhar superior embora vesgo - pelos vistos não era daqueles que deitavam raios «laser» pelos olhos -, coçou um bocado a careca (aquilo devia ter sido maldição pela certa: tinha recusado casar com a filha do físico da nave, vai o físico e diz-lhe «ficas careca que é para aprenderes»), abanou as orelhas à Dr. Spok (deviam ser mensagem em código para a nave, «exterminem-me estes tipos todos!») e, com um ar de quem faz um grande favor, disse:

- Tá bem.

Pelo menos sabia a nossa língua, já era alguma coisa, já não passava pelas agruras do pobrezinho do ET, sempre a querer telefonar para casa.

E então a criatura deu um salto e meteu-se por entre as grades. Demorou um bocadinho a passar a cabeça, mas por fim ficou inteirinho cá dentro. Pronto. Tudo estava perdido. Tínhamos sido invadidos por um extraterrestre.

E como se ainda não chegasse, atrás do extraterrestre saltaram todos os gatos do quintal. Eram gatos rafeiros, vinham às vezes comer as sopas de leite que o Sr. António deixava junto às grades. A gente gostava deles e eles gostavam de nós. E nunca pensámos que tão depressa se passassem para o lado do inimigo. Faziam um círculo e ronronavam. E no meio do círculo estava o extraterrestre, muito pequeno, muito quieto, muito careca. Tinha uma rosa na mão. Provavelmente era a primeira vez que via uma flor. Ia talvez levá-la para a nave, pô-la numa redoma para ser estudada pelos físicos.

Entretanto as reacções dos invadidos eram variadas. O Pilha-Seca bichanava «daqui vampiro sangrento, missão comprida!» para dentro do rádio. A Flávia olhava para o extraterrestre e dizia que, para Cristóvão, não era nada parecido com a América. A D. Isabel só dizia que, de longe, parecia mesmo o reitor Simões. O Zé Pedro dava pancadinhas na careca da criatura. E a Luzinha ajoelhou-lhe ao pé do invasor e disse «coitadinho!».

O invasor olhou-a longamente. Depois fechou os olhinhos, encostou-se a ela e atirou-lhe a rosa para o colo. De repente parecia muito cansado, muito pequeno, muito frágil.

- Vamos embora? - perguntou a Luzinha.

Mas tudo o que a criatura fez foi apontar a rosa e dizer:

- Cuidado. Há pés de galinha aí dentro.

5

Pé-de-Galinha gostava de rosas. A D. Isabel até dizia que aquilo era promessa à rainha Santa Isabel, mas no fundo, no fundo, toda a gente achava que era por não haver flores lá no estranho planeta de onde ele vinha.

À vezes a porta que dava para o quintal da escola estava fechada, mas, mesmo nesses dias, ele entrava calmamente na sala, com uma rosa na mão. Pousava-a na secretária da professora e dizia:

- Cuidado. Há pés de galinha aí dentro.

Depois sentava-se na bordinha da cadeira, e ficava a murmurar longas cantilenas com um ar muito satisfeito consigo próprio.

Havia quem dissesse que ele roubava as flores do jardim do ministro, que ficava em frente à escola, e era corrido a pontapé e sovado na careca pela criada, que se chamava Dó-do-Senhor, tinha papos nos olhos, ar de poucos amigos e um facalhão na algibeira do avental.

Espalhou-se pela turma um ódio de morte à Dó-do-Senhor que vinha de manhã cortar crisântemos ao jardim onde nunca houve rosas, e que nunca perdeu o olhar de desprezo que lhe deitava o João Nuno, e o ar vingativo da Flávia, que lhe rugia entre as grades:

- Torturadora de criancinhas! Selvagem! Canibal! Olhe que nem os franceses...

Sobretudo, também nunca percebeu o que tinham os franceses a ver com aquilo, limitando-se a espreitar, de olhos arregalados, um grupo de turistas que por ali passava e que, por sua vez, olhava para ela, do lado de lá das grades, e não entendia aquele estranho costume do país.

6

- Olhem bem para o fenómeno - repetia a setôra. - A água destilada não contém sais minerais e, conseqüentemente, o organismo vegetal murcha.

A gente bem olhava, mas o fenómeno custava a aparecer; com sais minerais ou sem eles, o «organismo vegetal», aliás a bela rosa que o Pé-de-Galinha trouxera no dia anterior, continuava tão viçosa como se estivesse ainda plantada no canteiro.

Aí a Rosalina não aguentou e deu uma gargalhada tão forte que até o esqueleto, que seguia a experiência com grande interesse, balançou levemente no suporte. A setôra fulminou a Rosalina com o seu mais ameaçador olhar, depois voltou-se e fulminou o esqueleto e, por momentos, parecia prestes a gritar-lhe «levas um chumbo que até saltas!», como fazia às vezes ao Zé Pedro. Mas toda a atenção estava concentrada nas leis da Biologia.

- Como vêm, está murcha! - insistia, animadoramente.

Dez minutos depois, quando já era bem claro que as leis da Biologia não se aplicavam às rosas do Pé-de-Galinha, e àquela em particular, lá se resolveu a dobrar o pé da rosa, acrescentando que, de vez em quando, uma pequena ajuda era necessária para o bom sucesso da experiência.

- Coitadinha! - gemeu a Luzinha, enquanto o esqueleto se debruçava sobre a setôra que, nesse momento, no meio de outra pequena ajuda, descascava alegremente todas as pétalas da rosa. Três ou quatro pequenas ajudas depois, o «organismo vegetal» murchava triunfalmente às mãos da setôra que, espetando no carrapito os ganchos caídos durante a batalha, enumerava, com o seu ar mais glorioso, os males da falta de sais minerais.

Mas o que parecia uma vitória única do Homem sobre a Natureza não satisfazia completamente a setôra.

- Vamos a outra, meninos - anunciou, pegando noutra vítima, desta vez um malmequer, que mergulhou num copo cheio de azeite.

- Esta é nova - dizia - mas, se Deus quiser, vai resultar tão bem como a outra. Agora, olhem bem para o fenómeno.

Mais dez minutos à espera que o fenómeno se decidisse, enquanto a setôra fuzilava o malmequer com indignados olhares, e o esqueleto balançava ferozmente.

Quando já temíamos outra pequena ajuda da setôra, ela ergueu-se, suspirou e disse:

- Esperem aqui que eu vou buscar água e já venho. Façam qualquer coisa de útil. Olhem para o fenómeno.

E saiu, batendo a porta. No mesmo momento o esqueleto desabou e estatelou-se no chão, com um estrépito de ossos esfrangalhados.

- Ao menos não foi para cima do fenómeno... - disse o Gonçalo.

Mas nessa altura o único fenómeno que nos interessava era o cadáver do esqueleto, uma confusão de ossos de plástico emaranhados uns nos outros.

- Coitadinho! - gemeu a Luzinha, enquanto Pé-de-Galinha desabava em lágrimas, como faz sempre quando a Luzinha diz «coitadinho».

- Há já algum tempo que ele não andava com boa cara... - dizia o João Nuno.

- Estava mesmo muito em baixo... - dizia a Flávia.

- E agora é que está mesmo em baixo de todo - resmungava o Zé Pedro.

- Tá na fossa, meu - resmoneava o Pilha-Seca.

- Bom, também não exageremos... - dizia a Flávia.

- Tá numa pior - insistia o Pilha-Seca.

- Olha, numa pior vamos estar nós se não o pusermos de pé antes de a setôra chegar - declarava o João Nuno que, de joelhos em cima da secretária, tentava içar o esqueleto pela boca. Depois de toda a gente ter puxado o seu osso para o seu lado, depois de o João Nuno ter sido mordido várias vezes e de o esqueleto continuar miraculosamente inteiro, lá ficou tudo no seu lugar.

- Olha que ainda está branco... - compadecia-se a Flávia.

- Se calhar querias que estivesse verde - dizia o João Nuno.

- Foi do susto - continuava a Flávia. - Um tio meu também acabou assim. Ficou fechado num supermercado durante umas férias, e era demasiado honesto para comer a mercadoria. Então no dia em que aquilo abriu, entra lá a minha tia Júlia e vê o meu tio completamente morto no meio dos queijos suíços, e diz-lhe ela assim, «Ó Magalhães, eu a trabalhar e tu à boa vida!».

- E depois? - perguntou o Zé Pedro, que nunca percebia o fim das histórias.

A Flávia encolheu os ombros:

- Depois enterraram-no, e a tia Júlia é que ficou a ganhar, porque passou a ter desconto no supermercado até ao fim da vida!

E a Flávia deu uma palmada na tibia do esqueleto:

- Que susto, ó Magalhães!

E foi assim que o esqueleto ficou Magalhães. A Alzirinha queria nome mais requintado, como, por exemplo, Camões. Mas a Flávia só dizia «que susto, ó Magalhães!», de maneira que não houve nada a fazer.

Quanto ao fenómeno, a coisa mais parecida com água benta que encontrámos, foi completamente despejado pela cabeça do Magalhães. No momento em que o João Nuno declamava solenemente «eu te baptizo, Magalhães», a setôra entrou na sala e deu de caras com o Magalhães a pingar azeite por todos os ossos, e com um malmequer espetado num olho, o que até lhe dava um ar campestre e saudável.

A turma teria levado cinco dias de suspensão se não fosse a Outra ter intercedido. De qualquer forma, dizia ela, o esqueleto estava mesmo a precisar de ser oleado.

7

A Outra disse-nos que já tinham passado alguns dias, já nos conhecíamos, e por isso já podíamos eleger o delegado de turma. Grande responsabilidade, dizia ela. Chamados às urnas, direitos do estudante, defesa do material, etc., etc., etc. O Ezequiel via cada vez mais perto a glória da sua vida, e estava sentado muito direito na carteira a pensar se havia de fazer discurso ou não, e se havia de começar com «meus amigos», «meus irmãos», «meus camaradas», «caros colegas», ou «excelentíssimos concidadãos».

Por esta altura já havia papelinhos por todo o lado.

- Ó setôra, em quem é que eu voto? - afligia-se a Rosalina.

- Eu cá voto em mim - declarava a Flávia, enquanto o Ezequiel, que já se estava a ver deposto assim sem mais nem menos, dizia que, por este andar, nunca mais dali saíamos, e que votar em si próprio era ilegal. A Flávia replicava que ilegal era a sua avó, e que os outros fariam melhor em votar nela para defender os interesses da turma.

A Rosalina disse que não ia votar agora na avó dela, que nem sequer era da turma. A Flávia respondia:

- Vota em mim, burra! Vota em mim!

A Rosalina dizia que também não ia votar numa pessoa que insultava o próprio eleitorado, e cuja família passava a vida a meter-se em sarilhos com a França.

A Flávia declarava que, sendo assim, também não votava na Rosalina, porque não queria uma delegada raptada em criancinha, sabe-se lá de onde ela vinha.

Pé-de-Galinha, que não gostava de debates, começou a chorar e a Luzinha disse «coitadinho, queres que eu vote em ti?», o que o fez soluçar ainda com mais energia.

O João Nuno disse que acabassem de discutir e que cada um votasse no seu melhor amigo e pronto. O Zé Pedro disse que não tinha a mínima vontade de ser delegado de turma. O João Nuno disse que não estava a pensar nele, mas sim no pobrezinho do Magalhães, tão sozinho, tão magrinho e aleijado de um dedo a mais em cada mão.

O Zé Pedro disse que o Magalhães não era sequer gente. O João Nuno disse «já foi, já foi», deu um grande suspiro e acrescentou:

- Bons tempos...

O Zé Pedro disse que, de qualquer maneira, ele não ia votar num reles esqueleto. A Flávia ordenou-lhe que não insultasse a sua família. A Alzirinha disse que já tinha decidido há que tempos em quem ia votar, só não sabia se era com um «M» ou com dois. O Ezequiel perguntou ao Pilha-Seca se votava nele, e o Pilha-Seca disse «iá, meu!», mas foi anulado porque fez um aviãozinho com o voto para chegar mais depressa que os outros.

O Ezequiel reflectiu sobre se seria assim tão ilegal votar em si próprio, e que afinal, como o pai estava sempre a dizer, os políticos eram todos a mesma cambada.

Finalmente a Outra recolheu os papelinhos.

O Ezequiel foi eleito por 1 voto - contra 24 no Magalhães e 1 no Cammões.

8

Às vezes apareciam cães lá na escola. Eram magros, esgalgados, rafeiros, com grandes sorrisos de cão, e focinho a pingar de frio. Esses lambiam os restos das sopas de leite deixados pelos gatos, pregavam sustos de morte à D. Isabel e desandavam outra vez para a má vida.

O único efectivo era o Birinhas, que lá estava noite e dia. Tinha ataques de solidão e punha-se a ganir à porta das aulas - menos no gabinete de Ciências, porque tinha um medo danado do Magalhães - e trotava feito parvo atrás da D. Isabel a pensar que era a mãe dele.

Verdade se diga que a D. Isabel nunca se comoveu muito com tanta adoração. Ao princípio até tinha um bocado de medo dele, e corria pelos corredores a gritar que estava a ser perseguida por uma matilha enraivecida - enquanto a «matilha enraivecida» se estafava atrás deva, língua a badalar fora da boca, e um ar de babada adoração nos olhos. Depois houve aquele tempo em que a D. Isabel descobriu uma mancha suspeita atrás da orelha do Birinhas e ficou convencida que era o reitor Simões encarnado em cão, pois parece que o falecido tinha a mesma marca de nascença.

Depois de uns dias em que o Birinhas foi apaparicado, levado ao colo e tratado respeitosamente por senhor reitor, a carraça resolveu descer da orelha e continuar a pé, para grande espanto da D. Isabel, ao ver a marca do falecido desaparecer sem dizer água vai.

Com a marca foi-se o respeito. A D. Isabel deduziu que o reitor Simões tinha ido encarnar para outro lado, e o Birinhas nunca percebeu por que é que, de repente, passou de «senhor reitor» a «canito miserável, renegado, sacrista, sacaninha do bicho», e o mais que na altura vinha à cabeça da D. Isabel.

Claro que à etapa dos insultos só assistia quem entrasse na escola à segunda-feira, porque quem lá entrasse durante o resto da semana deparava com fenómenos muito mais aperfeiçoados.

À terça via o Birinhas, desiludido com o fraco instinto maternal da D. Isabel, perseguir todos os gatos do quintal e acabar a guerrilha escondido nas couves, a tremer de medo.

À quarta ouvia ruídos suspeitos nas couves, que era quando o Birinhas resolvia tornar-se vegetariano.

À quinta via o Sr. António que descobria o desfalque nas couves, e o Birinhas, desenganado dos vegetais, voltava ao antigo credo das bolachas.

À sexta via o Birinhas reconciliado com o mundo, rodeado de multidões ululantes que bradavam «queres uma bolacha?».

Ao sábado via o Birinhas a galope pelos corredores, arrastando na boca um casaco, um livro, ou um estojo, e seguido de alguém que berrava «dá ao dono, Biras!, dá ao dono!».

Era a sua vingança de cão por todos os queres-uma-bolacha que redundavam em nada. E como ao domingo ninguém lá ia, nunca se soube que terríveis hipóteses eram ainda possíveis.

9

- Ontem sonhei que o setôr era a Virgem Maria - disse Rosalina.

O setôr de Trabalhos Manuais tentava desesperadamente espetar dois pregos numa tábua, mas sempre que martelava um, fazia saltar o outro.

- Sim? - murmurou, distraído.

- Tinha um lindo manto azul na cabeça - disse a Rosalina - e estava sentado à secretária a bordar o livro de ponto, e de repente o livro transformou-se na setôra de Ciências que lhe gritou «ó menino! Levas um chumbo, que até saltas!».

- Chiça! - gritou o setôr, que tinha acabado de dar com o martelo nos dedos.

- Deixe lá, setôr - continuou a Rosalina -, porque o setôr prendeu-lhe um fio à orelha e pendurou-a no alto da árvore de Natal.

- Ainda bem, ainda bem - murmurou o setôr, inspeccionando a tábua, à procura de uma clareira na floresta dos buraquinhos feitos pelos pregos.

- E depois, no ramo mais baixo, estava o Ezequiel vestido de anjo, e então ele disse-me: «sou presidente, e estou à procura dos queijos suíços que votaram em mim», e eu disse-lhe que ali pendurado no ramo não havia de encontrar muita coisa, e então ele disse: «se houver golpes de Estado, derretes o proletariado todo», e eu disse-lhe que não era nenhuma traidores, e então ele deu um grande suspiro e disse: «então já não podes ser ministro do leite», e começou a subir devagarinho, e desapareceu, e foi da maneira que eu nunca lhe cheguei a dizer que, quando for crescida, vou ser rainha e mandar decapitar todos os ministros que me vierem com propostas destas.

- Isso é que é preciso... - dizia o setôr, às voltas com a tábua.

- Pois. Mas depois apareceu a Outra e deu-me um presente, e eu disse: «a Outra, sujeito; dá, predicado», e depois não sabia o resto, mas foi ela que começou a chorar. E de repente começou a abrir os presentes e as mãos eram todas feitas de rosas, e eu pensei, «que esquisito, ela tem as mãos do Pé-de-Galinha».

- Muito estranho - disse o setôr, procurando debaixo da mesa um dos pregos, que tinha desaparecido nem ele sabia como.

- Não foi? - continuou a Rosalina. - Sim, porque ele, coitadinho, é careca mas as mãos tem-nas como toda a gente! Bem, e de todos os presentes que se abriam saía o reitor Simões, que pedia à Outra que casasse com ele, mas a Outra dizia «não posso, tenho de escrever o sumário!». E o mais esquisito é que estava sentada no alto de uma árvore, e a árvore tinha maçãs e peras que diziam predicado, sujeito e complemento. E de repente apareceu a D. Isabel, que era um gato, e começou a enrolar o rabo em volta do tronco da árvore, e a Outra dizia «depressa, que vai tocar!», e era muito esquisito porque eu sabia que ela estava a dormir, e que alguma coisa horrível ia acontecer, um pressentimento, sabe como é?

- Perfeitamente - murmurou o setôr, segurando num dos pregos com o martelo, para ele não lhe sair disparado para o olho, e defrontando-se com o problema de não haver martelo para o outro prego.

- E eu queria salvá-la, e trepava pela árvore, mas os ramos partiam-se, e riam e gritavam «tu não sabes o que nós somos!». E de repente a Outra soltou a cabeleira loira que lhe apareceu não sei como, porque, que eu saiba, ela sempre teve cabelo castanho assim com umas brancas à frente, que ela diz que são por nossa causa. Solto a cabeleira e disse: «sou a Branca de Neve e vou morrer com um substantivo entalado na garganta». E eu ia a dizer que a Branca de Neve tinha cabelo preto, não era assim loira, pelo menos no filme, mas então começou a chover, e a água subia, subia, e eu ali parada feita parva, a pensar no que é que havia de fazer se o Príncipe chegasse atrasado ao salvamento, e a água a subir, e eu a pensar que se calhar o Príncipe se tinha enganado no autocarro, e a água a subir, e a Outra a dormir...

- Não sei que lhe faça... - confessou o setôr, olhando desesperadamente para o prego.

- Olhe, nem eu! - disse a Rosalina. - E o pior é que acordei aí, e nem cheguei a saber se

o reitor Simões tinha casado, morrido afogado, ou chumbado por faltas.

- Desisto! - exclamou o setôr. - Fazemos um anjo em vez da estrela, e acabou-se.
Desculpa, Rosalina, o que é que estavas a dizer?

10

Às seis horas em Dezembro já era noite, e as aulas de Trabalhos Manuais tinham todas um vago ar de serões de província, ainda por cima agora que era quase Natal, e todos nós fazíamos coisas muito a propósito. A Luzinha bordava o fato do Menino Jesus e murmurava «coitadinho» de vez em quando para o Pé-de-Galinha que, sentado o mais juntinho possível, trabalhava no cabelo do Menino Jesus, olhando com ar extasiado para um cesto cheio de lã, e apanhava com linhas de todas as cores na careca.

A Alzirinha fazia um Pai Natal, cujo fardamento lembrava indubitavelmente o equipamento do Benfica, e o João Nuno, depois de muitos dias de caderno de apontamentos na mão atrás do Birinhas para lhe servir de modelo, tentava fazer com que dois bocados de barro, que teimavam em parecer lebres, se parecessem com renas.

A Rosalina mastigava pinhões de uma pinha, enquanto decidia se a ia pintar de dourado, prateado, ou se havia de a deixar assim mesmo, porque afinal, como o setôr estava sempre a dizer, o mais simples era o melhor.

Quanto ao setôr, depois de desistir dos anjos e das estrelas, tinha descido à terra e estava naquele momento a desenformar as velas, enquanto o Zé Pedro olhava ameaçadoramente para uma agulha, e fazia terríveis esforços de concentração para enfiar a linha.

A Flávia, farta de procurar dois botões azuis e iguais para colar na cara do Menino Jesus, tinha escarranchado à cintura o Menino Jesus, ainda sem olhos e careca, tinha-se postado à janela e relatava em primeira mão as idas e vindas da Dó-do-Senhor que, de torturadora de criancinhas, fora recentemente promovida a espia-do-inimigo.

- E ninguém me tira da cabeça que é para isso que ela vai todos os dias cortar flores: para fazer tinta invisível! Coze aquilo tudo muito bem, mistura para lá umas tralhas quaisquer, põe no «passe-vite», e quando chega o desgraçado do ministro pensa que é a sopa do jantar. Coitado! Não é por mim, que eu cá nem o gramo, e o meu pai nem votou nele, diz até que é um grande incompetente, mas imaginem que ele entrava para provar a sopa e engolia a tinta invisível e ficava sem nada por dentro! Que por acaso o meu pai já diz que por dentro não tem ele nada, mas isso são outras conversas... Olhem, lá vem ela outra vez... Vai ao correio ver se há mensagens do inimigo. Porque ninguém me tira da cabeça que ela só está à espera de ordens! Depois tira o facalhão da algibeira e, quando o desgraçado do ministro gritar «ó Dó, quando é que sai o jantar?», vai ela e zás!, corta-lhe a cabeça. E no dia seguinte entra lá alguém, levanta a tampa da terrina e lá está a cabeça do ministro, coitado, incompetente, mas não merecia castigo tamanho... Olhem, agora ela está a olhar pela janela, a ver se descobre alguma coisa aqui dentro, mas graças a Deus aqui é tudo muito honesto, como diz a minha avó. Aqui ninguém pactua com o inimigo, também era só o que nos faltava, trabalhar como burros, estudar para os pontos, e ainda por cima pactuar com o inimigo, mas enfim, com gente desta é tudo possível... Quem foi o engraçadinho?

De repente, escuridão total.

Quem fora o engraçadinho, ninguém fazia a mínima ideia, mas fosse quem fosse tinha cortado a luz toda. Também, verdade se diga, ela nunca fora muita. Mas agora, como dizia o Pilha-Seca, «não se vê peva, meu!».

- Fiquem onde estão, não se mexam! - disse o setôr.

- Luzinha! - chamou Pé-de-Galinha.

- Quais Luzinha - resmungou o Zé Pedro. - De uns holofotes é que a gente precisava agora!

- Sempre temos as velas - disse o setôr.

- Ó setôr, francamente, isso nem parece seu! - indignou-se a Flávia. - Então vai usar as velas de Natal?

- Olha que no Natal é que elas hão-de fazer muita falta - disse o João Nuno. - Enquanto o Natal não chega, ficamos aqui a secar, é?

- A secar está a minha tinta - disse a Rosalina, que tinha mandado a simplicidade às urtigas e escolhido o dourado mais fluorescente da colecção. - Por isso vejam lá se se despacham.

O João Nuno acendeu um fósforo.

- Ó setôr - bichanou -, se isto explode?

- Mas vocês julgam que eu sou maluco ou quê? - A voz indignada do setôr soou estranhamente na escuridão.

- Sei lá... - continuou o João Nuno, pouco convencido. - Uma vez vi um filme em que o gajo aldrabou o sócio nos negócios e depois o sócio quis-se vingar e pôs pólvora nas velas do bolo da filha do outro, que fazia anos. Quando estavam muito bem a cantar os parabéns a você, vai a miúda sopra aquilo e tunfas!, vai tudo pelos ares, miúda, sócio, bolo, tudo. O que foi pena, porque parece que o bolo até era de nozes... Por isso não sei, tenho as minhas dúvidas... Que é que vocês acham?

- Eu cá acho que foi uma grande injustiça - disse Rosalina. - A miúda não tinha nada a ver com aquilo, nem o bolo...

- Olhem, façam como entenderem - declarou o setôr. - Desde que não deitem fogo à escola... Continuem a trabalhar, que eu vou ver o que é que se passa e já venho.

- Líder da maioria em conversações com o presidente - bichanou o Pilha-Seca para dentro do rádio.

- Olha, se explodir, explodimos todos juntos - declarou o João Nuno.

- Grande consolo - disse a Flávia.

Mas nessa altura já o João Nuno estava muito ocupado a acender as velas e a queimar os dedos, e ninguém tinha ido pelos ares.

Foi então que se ouviu um uivo sinistro.

11

Aquilo ecoou pela sala toda, arrastou-se num murmúrio tenebroso que arrepiava dos pés à cabeça.

- Aiiiiiii! O reitor Simões! - esganiçou-se a Alzirinha.

Aí, verdade se diga, ninguém se sentiu muito à vontade. Pé-de-Galinha abanava tanto as orelhas à Dr. Spok que até fazia vento. O João Nuno queimou mais um dedo e a Luzinha exclamou:

- Ai coitadinho do setôr, que está lá dentro sozinho, no meio dos fantasmas todos!

E foi quando uma equipa de salvamento se preparava para sair em busca do setôr que o Birinhas deu mais outro uivo de gelar o sangue, e se atirou pela sala dentro. Quando viu as velas acesas, as nossas caras cheias de sombras, o nosso cabelo em tons de cor de laranja, ficou um momento paralisado de terror, depois lançou-se para a porta a cem à hora, mas só lhe serviu para arranjar um galo de todo o tamanho, porque a porta estava fechada.

- Somos nós, meu parvo! - disse a Flávia.

- Isso faz-se? Andar por aí a imitar o reitor Simões? - ralhou a Luzinha.

E o Birinhas, ainda com ar vagamente nocaute e esgaseado da carolada, coxeou até nós e distribuiu umas quantas lambidelas muito molhadas após o que se deitou ao pé da Rosalina com um suspiro de alívio.

De repente fez-se um silêncio tão grande que era quase maior que a escuridão. As chamas das velas erguiam-se direitas e imóveis, lá fora a noite caía sem estrelas, e era quase Natal.

O setôr demorava.

- O setôr disse para continuarmos a trabalhar - disse o Ezequiel.

- Gostava de te ver enfiar uma agulha no escuro... - resmoneou baixinho o Zé Pedro.

- E eu gostava de te ver há cem anos atrás, quando não havia electricidade.

- Há cem anos atrás as pessoas usavam candeeiros de petróleo - respondeu o Zé Pedro. - Ou então já estavam na cama a esta hora, e não feitas parvas a enfiar linhas em agulhas sem se ver um palmo à frente do nariz.

- E se hoje fosse há cem anos? - disse a Rosalina. - Estava eu em casa, a bordar flores numa toalha, com pai e mãe verdadeiros, e montes de irmãos e irmãs, todos vestidos de rendinhas e de laçarotes no cabelo. Estava eu a pensar no que é que havia de dizer ao conde durante o baile... «A menina dança comigo?», «Ora essa, senhor conde, por quem é...», «A menina casa comigo?» Que horror, que dúvida lacinante, pobre de mim, dividida entre o conde corcunda e velho, mas rico até dizer chega, e o filho do jardineiro, honesto, mas pobrezinho. Claro que a sacrificada era eu: para resgatar a honra da família e salvar os meus irmãozinhos da miséria, lá tinha eu que ser condessa...

Deu mais um suspiro e uma pincelada dourada em qualquer coisa que, no escuro, parecia ser a pinha.

- Se hoje fosse há cem anos - disse a Flávia -, eu era a minha antepassada, fugida aos franceses a cavalo num burro e de pistola à cinta. E o burro corria, corria, e eu atirava nos franceses que vinham atrás de mim, e o burro corria, corria, corria, até que eu desmaiava à porta de um grande latifundiário, porque o pobre do burro já se tinha ido abaixo das canetas. E o latifundiário enterrou o burro, deu-me de comer e casou comigo. E por esta altura já eu era uma grande latifundiária velhota, com muitos latifundiáriozinhos.

Deu um piparote no Menino Jesus, que desatou a vomitar sumaúma por todas as costuras.

- Cose-me isto, Luzinha.

A Luzinha pegou no boneco.

- Se hoje fosse há cem anos eu era costureira. Tinha vestido branco às florinhas azuis, uma almofada cheia de alfinetes, e vivia num sótão com uma escada até lá acima, numa rua a subir,

com um candeeiro na esquina e o rio ao fundo. E o Pé-de-Galinha vivia comigo, e tinha muito cabelo loiro, e plantava rosas nos vasos das janelas.

- Tramado - disse o Zé Pedro. - Há cem anos só a Luzinha é que trabalhava! As outras andavam todas na boa vida.

- Então, não fui eu que disse ao burro para ir desta para melhor logo ao pé da casa do latifundiário - defendeu-se a Flávia.

- E eu era rica mas infeliz - disse a Rosalina -, ao passo que você, rapazes, eram uns sortudos, porque provavelmente ainda andavam todos na escola, a jogar à bola, a trepar às árvores, a fazer batota nos berlindes...

- A estar no canto com orelhas de burro, a cantar a tabuada, a estar muito quietinho, a aturar o reitor Simões, a aguentar aquele olhar fulminante... - disse o Zé Pedro. E a Flávia fê-lo prometer que, se fosse há cem anos, lhe traria um autógrafo do reitor Simões. E o Zé Pedro prometeu porque, de qualquer maneira, nunca voltaria cem anos atrás.

- Se fosse há cem anos eu tinha casado com o Camões - suspirou a Alzirinha.

- Ó minha grande burra, o Camões foi há mais de 400 anos!

- Tanto? - admirou-se a Alzirinha. - Então tinha ido para treinadora da selecção de 1887 e pronto

- Também não havia selecção nenhuma!

O século XIX descia cada vez mais na consideração da Alzirinha.

- Também não? Olha, então não sei que te diga. Estou a ver que eu, há cem anos, era uma desgraça completa.

- Ainda és, Alzirinha, ainda és... - suspirou o Zé Pedro, desistindo finalmente da agulha e da linha.

- E cá pró Zezinho, não se arranja peva? - perguntou o Pilha-Seca.

E então ficámos todos a olhar para ele e a pensar, mas devia ser por causa do escuro que ninguém foi capaz de descobrir o que o desgraçado faria cem anos atrás.

A Flávia disse que há cem anos provavelmente a mãe do Pilha-Seca ia com ele ao médico, e o médico havia de dizer que ele era muito adiantado para aquele tempo, e que daí a cem anos é que estava bem, «que pena ter nascido agora».

- Em que nuvem é que o Menino Jesus estará sentado? - perguntou de repente o João Nuno.

- Não está em nuvem nenhuma, burro - disse o Gonçalo. - Deve estar num planeta qualquer, desses onde ainda ninguém foi, para ninguém o chatear.

- Se calhar está no planeta do Pé-de-Galinha - disse a Rosalina.

- O Menino Jesus não existe. Há que tempos vocês deviam saber isto! - disse o Zé Pedro.

- Não existe, mas existiu, quem não existiu nunca foi o Pai Natal - disse o Ezequiel.

- Eu acho que, quer o Menino Jesus exista, quer não exista, devia era ter mais juízo e portar-se como toda a gente - disse a Alzirinha.

- Olha, eu vou mas é coser-lhe os olhos na cara - disse a Flávia, pegando cuidadosamente no boneco, para ver se ele não se esvaía em tripas outra vez. - Não quero que ele ande cegueta por esses planetas fora, ainda choca com algum foguetão e depois quem paga as favas sou eu..

E a gente calou-se de novo. Pelos vistos as conversações entre o líder da maioria e o presidente demoravam.

Lá fora as luzes já estavam acesas, e as pessoas andavam olhando para o chão, e com pressa de chegar a casa. Algumas levavam sacos de compras e arrastavam pela mão os filhos cheios de sono.

Nas montras iluminadas das lojas espalhavam-se grandes letras e floreios de neve carbónica: «Bom Natal!», «Feliz Ano Novo!». Abriam-se livros que ainda ninguém lera, sorriam bonecas que ninguém embalara, esperavam carrinhos que ainda ninguém esfrangalhara.

No jardim do ministro brilhavam os crisântemos, estranhamente brancos. A

Dó-do-Senhor ainda não saíra, provavelmente o ministro ia demorar, ela teria que lhe servir o jantar, que lavar a louça, esperar pelo autocarro que agora vinha mais tarde.

Dentro da sala brilhavam as velas de todas as cores, com um cheiro a cera derretida e a Natal antecipado.

A Flávia cosia dois botões na cara do Menino Jesus. Pé-de-Galinha acabara de prender a cabeleira ao boneco, e adormecera com a careca encostada aos joelhos da Luzinha. A Alzirinha vestia o Pai Natal, e a Rosalina pincelava de dourado qualquer coisa que ela rezava a todos os santinhos para que fosse a pinha.

O João Nuno trabalhava afincadamente nas renas, o Zé Pedro, derrotado pela agulha, olhava lá para fora e assobiava baixinho uma música qualquer.

O setôr demorava.

- Como é que vocês acham que vai ser o Natal da Dó-do-Senhor? - perguntou o João Nuno. - Acham que o ministro lhe vai dar uma prenda? Acham que a deixa sair mais cedo? Acham que lhe vai dizer que tenha cuidado para não partir os copos de cristal?

- Não sei - disse o Zé Pedro.

A Flávia embalava o Menino Jesus. A Rosalina mexia a tinta. A Luzinha sacudia devagarinho as linhas da careca do Pé-de-Galinha, que sonhava talvez com muito cabelo preto, com rosa povoadas de pés de galinha, com um planeta muito, muito longe da Terra, onde o Menino Jesus estivesse sentado a olhar cá para baixo.

Foi nessa altura que a luz chegou, que o líder da maioria entrou na sala, e que descobrimos que tínhamos falado em voz baixa o tempo todo.

12

E também descobrimos o desastre. Tudo por causa da falta de luz, claro.

O Menino Jesus tinha um olho verde e outro encarnado, o que, apesar de ser muito patriótico, lhe dava um ar vagamente estrábico. Como se ainda não chegasse, o pobre tinha uma brilhante cabeleira de todas as cores do arco-íris, com bocados de lã que se espetavam para todos os lados. E no babete de rendas a Luzinha tinha amorosamente bordado «MENINO JASUS».

O resto da procissão não estava em melhores condições. O Pai Natal da Alzirinha tinha a camisola enfiada num braço e o barrete numa das pernas («bem me parecia que não cabia...»), as renas do João Nuno tinham passado de lebres a uma qualquer aterradora espécie de dinossauros, com duas torneiras na cabeça. E, para coroar a festa, a pinha da Rosalina estava castanhamente simples, enquanto a orelha do Birinhas brilhava de tantas camadas de tinta dourada. Nos dias seguintes o pobre quase ficou louco a tentar lambe a orelha, e a D. Isabel fartou-se de olhar para ele com ar horrorizado, mas não disse nada, porque parece que o reitor Simões não tinha nenhuma orelha dourada.

Em todo o caso, como o setôr disse, ao menos assim ninguém nos podia acusar de falta de originalidade.

13

- Ainda não foi desta que me vieram buscar - suspirou a Rosalina. - Não sei para que serve a gente ter pais verdadeiros, para depois nos deixarem assim tanto tempo com os raptos. Eu bem pedi ao Pai natal. E ao Menino Jesus. Eu bem sei que já não tenho idade para acreditar nessas coisas. Mas lá na rua havia um homem a fazer de Pai Natal. Era o Sr. Joaquim do café, que eu bem o conheci, saía-lhe a barba preta toda por baixo da barba branca. E estava uma data de miúdos a pedir prendas de Natal. E eu pensei que, assim como assim, não fazia mal nenhum, e fui, e pedi. Mas veio o meu pai atrás e ouviu, e quando chegou a casa deu-me uma sova e ficou todas as férias a perguntar o que raio me tinha passado pela cabeça, e agora o que é que o Sr. Joaquim ia pensar. E se eu não tinha pena da minha mãe, no estado em que estava, e nervosa ainda por cima, e doente do coração. Eu disse que nem era sequer minha mãe e que, se estava no estado em que estava, a culpa era do engano, que eu bem os tinha ouvido aos berros um com o outro, por causa de contas mal feitas. E então levei mais outra sova e nunca mais ninguém falou no Sr. Joaquim.

- Eu cá fui trabalhar com o meu pai nas obras - disse o Zé Pedro. - Lá em casa de um gajo que está a fazer não sei o quê da varanda. Os vizinhos pensavam que era uma pista de baile, houve um abaixo-assinado e tudo, a dizer que aquilo era uma vizinhança honesta e que não queriam ali discotecas, nem barulheira até às tantas, e malucos de cabelo verde a cair de bêbedos pelos cantos. Coitado do homem, que até parece que vai fazer uma estufa e plantar morangos, ou cactos, ou que raio era...

- Eu fui conhecer as alegrias da pesca com o meu tio Fernando - disse o João Nuno. - Levantámo-nos às cinco da manhã, com um frio de rachar e um nevoeiro tal que não se via nem o nariz do parceiro. A minha tia Inês fez-nos um farnel, mas estava com tanto sono que abriu os pães e se esqueceu de lá por o fiambre, e quando fomos a abrir aquilo, estava lá o pão sem nada, e ainda por cima ensopado por causa da chuva, que caía que nem me quero lembrar. E eu dizia que os peixes, se fossem espertos, deviam estar todos em casa, mas o tio Fernando teimava que não, que os peixes eram muito pouco espertos, e quando viessem ver se aquilo era chuva, zás! Ficámos ali que tempos à espera do zás!, mas o zás! demorava, e então quando já estávamos bem encharcados, o tio Fernando decidiu voltar para casa. Perdemos um comboio porque, com a chuva, não se via nada do caminho para a estação, e ainda por cima era um carreiro que o tio Fernando dizia que era mais perto que a estrada normal. Depois ainda demorou que tempos a enfiar as canas pela porta do comboio, aquilo ia cheio como tudo. Ainda molhámos uma data de velhinhas, e houve uma senhora que disse que não deviam deixar entrar gente daquela no comboio, e o tio Fernando virou-se para a velhinha e disse que gente como nós é que fazia o país andar para a frente, e a velhinha disse, «grande coisa, para o país estar como está», e o tio Fernando passou o resto da viagem a chamar reacção à velhinha. Depois chegámos a casa e passámos uma semana de cama com gripe, e o resto das férias metidos em casa a beber chá e a ver televisão, e a recuperar das alegrias da pesca.

- Eu fui a casa da minha tia Clarinha - disse a Flávia. - A minha mãe meteu-me num vestido de veludo preto que fazia uma comichão danada, e atou-me um laço no cabelo, a que graças a Deus o meu primo Júlio não resistiu e puxou, e lá veio aquilo tudo abaixo, rico menino, que foi a melhor coisa que ele fez na vida. E a minha mãe falou comigo uma data de tempo, e fez-me prometer que eu só falava do tempo e da escola, e não metia nenhuma das minhas, e não me enganava a dizer o «vai alta a lua na mansão da morte». Eu cheguei lá e estava tudo muito noturno. As pessoas chegavam à tia Clarinha e diziam: «vai melhorzinha, tiazinha?». E a tia Clarinha acenava com a mão, e não percebi se era sim ou não, mas como ninguém voltou a perguntar, fiquei calada. E às tantas vem a minha tia Eusébia, volta-se para mim e diz:

- Ó rica, diga lá a poesiazinha que a rica decorou para animar a tia.

E eu olhei para a tia Clarinha e achei que o «vai alta a lua na mansão da morte» não era coisa que animasse uma pessoa por aí além. Então fui e cantei aquela que o setôr de Trabalhos Manuais anda sempre a cantar, assim, «o que se leva desta vida é o que se come, é o que se bebe, é

o que se brinca, ai, ai». E a minha mãe ficou muito encarnada, e a tia Eusébia disse:

- Ó rica, é isso que lhe ensinam lá na escola?

E eu disse:

- Parece que sim.

E a tia Eusébia disse que eu era muito malcriada. E eu não sei por que é que a minha mãe fez aquela cara quando eu só falei da escola!

- Ainda não foi desta que me vieram buscar... - suspirou a Rosalina.

14

Quando se cansava de contar a história do reitor Simões, recentemente aparecido feito fantasma para assombrar a escola, a D. Isabel lia sinas aos Magoados da Vida, arte que lhe fora transmitida por uma avó cigana.

Uma pessoa estendia a mão aberta, a D. Isabel perguntava em voz cava, «és magoado da vida, meu filho?», a gente fazia o nosso ar mais compungido e preparava-se para ouvir a história da nossa vida nos seus mais tetricos pormenores.

E foi assim que, do pé para a mão, a setôra de Inglês casou com o príncipe Carlos depois de ele se divorciar da Lady Di, e chegou a rainha de Inglaterra. O setôr de História ficou famoso ao descobrir mais uma ilha à Madeira, que em vez de coelhos estava povoada de elefantes. A setôra de Música foi para guia de caravanas no deserto, mas despediram-na pouco tempo depois porque assustou os camelos a tocar flauta, e então casou com um xeque andava por ali a fazer castelos na areia, e a quem ganhou sempre no xadrez. O setôr de Ginástica tornou-se um grande futebolista, foi comprado pelo Bordéus, depois pelo Dínamo de Kiev, depois pelo Salgueiros do Sul, foi 52 405 874 vezes internacional e veio em todas as cadernetas de cromos e latas de cerveja. O setôr de Trabalhos Manuais construiu uma ponte para o rei da Noruega, mas a ponte desabou logo, quando o rei estava em cima a admirar o rio, e foi da maneira que teve ocasião de o observar mais de mais perto. Os descendentes do rei acharam justo que o setôr fosse afogado no mesmo rio, mas, no momento em que ele ia ser empurrado, a água transformou-se em leite, o setôr bebeu-o todo, conseguiu sair dali vivo e tornou-se criador de vacas. Esta versão foi muito contestada porque parece que o pobre sofria de asma e era alérgico aos animais. Mas como dizia a D. Isabel, «destino é destino, meu filho, e ao destino ninguém foge».

A setôra de Ciências recusou-se a acreditar em tais lérias, mas amou durante uma semana quando a D. Isabel a informou de que era a única sem linha do coração. Até passou uma aula inteira de mão aberta, a perguntar indignada:

- Ora digam lá vocês se tenho ou não tenho coração?

Ao que a Rosalina disse que sim senhora, que tinha um coração maior que um boi, e que até devia ter quatro aurículas e quanto ventrículos, ao que a setôra pôs a Rosalina na rua. O que até foi um grande desperdício, porque era um dos raros dias em que a Rosalina tinha acertado com a sala, e mais valia aprender enquanto lá estava.

A Inês de Castro foi um caso muito estranho, porque sem sequer ter posto os olhos nas mãos dela, a D. Isabel jurava a pés juntos que havia de vir por aí um príncipe chamado Pedro, que havia de casar com ela. O que era muito esquisito, porque a Inês de Castro já era casada e não com um Pedro mas com um Rogério, e até parece que o tal Pedro também já era casado com uma Constança. Mas quando a gente falava nisso, a D. Isabel suspirava e dizia que eram coisas do coração, e a setôra de Ciências dizia que já havia corações a mais naquela história.

Como se ainda não chegasse, a Inês de Castro arranjava ainda um sogro sinistro, e depois a D. Isabel deu um grito terrível quando viu uma formiga a passear mesmo por cima da linha da vida, e afiançou que era muito mau sinal. A Inês de Castro disse que era sinal de que a escola estava a precisar de insecticida, matou a formiga e foi-se embora, e não chegou a saber que lhe ia acontecer o mesmo que à formiga. Mas a gente não ligou muito, e a Rosalina até dizia que, com aquela, já eram três professoras condenadas à realeza.

Claro que não eram só os professores que consultavam o oráculo, embora verdade se diga que a clientela entre os alunos diminuía muito quando se soube que as previsões não alcançavam os dez anos mais próximos, e que, por isso, eram baldados todos os esforços para se saber o resultado do próximo teste de Matemática.

E depois havia a «praxe».

O Zé Pedro resolveu lá ir «só para ver como é», mas à habitual pergunta «és magoado da vida, meu filho?», ele respondeu logo «não, isto foi uma canelada do João Nuno no futebol» - e

foi imediatamente excluído das previsões.

O João Nuno também foi ao oráculo, mas como se recusou a lavar as mãos, parece que a força do destino não conseguiu penetrar na porcaria, e como dizia a D. Isabel «eu tenho visão, mas não tenho raio x».

A Alzirinha perdeu toda a fé no futuro quando soube que não era daquela que casava com o Camões, e nunca perdoou que ele tivesse escrito tantos versos à Inês de Castro e para ela nem uma simples quadra.

A única que escapou à força do destino foi a Outra, que sorriu um bocadinho e disse que não acreditava naquilo. A D. Isabel pôs uma cara esquisita, sorriu de volta, fungou um bocado e cascalhou:

- Nem precisa, minha querida, nem precisa.

Foi depois disso que voltaram as histórias do reitor Simões. Nos intervalos, na cantina, quando alguma professora faltava e a D. Isabel se apressava a substituí-la. Era para isso que a D. Isabel existia: para estar lá, sempre que era preciso. Para a gente ir ter com ela quando éramos novos e andávamos perdidos no recreio. Para a gente a ouvir, quando o dia lá fora estava cinzento e apetecia ir para casa. Para contar a história do reitor Simões e expulsar as maldições escondidas nos cantos da casa.

Graças à D. Isabel, a gente tinha a única escola assombrada do país.

15

Diziam que a setôra de Inglês tinha um pavão em casa. De manhã, quando ela acordava, lá estava ele, de cauda aberta em leque, toda verde, azul e branca, toda muito farfalhada e cheia de olhos aqui e ali pelo meio das penas. E a setôra levantava-se e dizia:

- «Good morning», Carnaby Smith, «how are you»?

E Carnaby Smith abanava as penas e respondia:

- Vêrue!, tenks.

E depois iam os dois beber chá em chávenas às florinhas, e falar do tempo em que ela seria rainha de Inglaterra, e discutir as cotações da Bolsa, que parece que estavam a baixar. E depois a setôra levantava-se e dizia:

- Bom, lá tenho que ir aturar aquela cambada de analfabetos...

E Carnaby Smith ficava a olhar pela janela, todo azul e verde enquanto ela desaparecia rua abaixo

Pé-de-Galinha tinha medo dos corredores escuros, e da cara do reitor Simões. Quando passava pelo quadro e encontrava o olhar fulminante apontado para ele, punha-se logo a quilómetros, as orelhas de bruxinho a mexerem a uma velocidade vertiginosa debaixo do gorro que a Luzinha lhe dera no Natal, e que ele nunca mais tirara da cabeça. Dizia-se que tinha fugido de casa três vezes durante as férias, que tinha uma qualquer ideia de uma rua a subir, com um candeeiro à esquina e rosas nas janelas. Na escola não fugia para lado nenhum. Às vezes vinha a D. Isabel e fugia com ele, e contava-lhe histórias do reitor Simões, até vir a Inês de Castro dizer-lhe que parasse de meter tolices na cabeça do menino.

Mas, acima de tudo, Pé-de-Galinha tinha medo da voz da professora de Inglês e de Carnaby Smith.

Lá fora, ao pé do coreto, estava a Menina Branca à espera do namorado. A Menina Branca tinha um vestido branco, e sapatos brancos, e três pulseiras brancas em cada braço. E o namorado da Menina Branca era muito grande e muito gordo, com ar de poucos amigos e uma âncora tatuada no braço esquerdo.

A Menina Branca comprava castanhas enquanto esperava pelo namorado. E o namorado, quando chegava, pegava nas castanhas e comia-as todas, e fazia uma barulha enorme a tirar as cascas, e resmungava muito se uma delas vinha podre.

Às vezes o namorado da Menina Branca não aparecia. A Menina Branca esperava que tempos ao lado do coreto, de cartucho na mão. Depois, devagarinho, pegava nas castanhas e comia-as uma por uma, com um ar muito culpado e uns olhos de quem estava à espera de ver o namorado aparecer de repente a descobrir-lhe o crime e a traição.

- «The sky is blue» - dizia a setôra. - «The sun is shining.»

Às vezes suspirava e olhava pela janela, e as orelhas do Pé-de-Galinha estremeciam de horror debaixo do gorro, como quando estava a meio de um corredor sem a Luzinha ou como quando um copo se quebrava na cantina.

- «The sky is blue» - dizia a setôra.

Lá fora começava a chover. Cansada de esperar pelo namorado, a Menina Branca descascava lentamente uma castanha, subia as escadas do coreto, inclinava-se devagarinho para a chuva que caía.

E havia de sair dali com um alívio enorme dentro do peito. E havia de subir a rua molhada de chuva. E Carnaby Smith estaria a olhar pela janela, todo azul e verde, e a murmurar:

- «God save the Queen» - enquanto ela metia a chave à porta.

16

Chovia.

De manhã Pé-de-Galinha aparecia com um grande guarda-chuva preto que era do pai e lhe tapava a cara toda. E quando o pai se ia embora, vinha o Zé Pedro e saía com ele para o pátio, e ensinava-lhe como é que se apanhava chuva no nariz e nas orelhas e entre os dedos. Pé-de-Galinha apanhava-a toda na careca. À vezes um pingo escorria cara abaixo e entrava-lhe por uma orelha. Pé-de-Galinha abanava a cabeça para todos os lados, e depois ficava muito quieto a ouvir o pingo chocalhar na cabeça, e ouvia muito bem, para contar aos outros marcianos como é chover por dentro. E quando tocava, vinha a Luzinha e esfregava-lhe a careca, e enfiava-lhe o gorro até às orelhas. E pensávamos que talvez também não houvesse chuva em Marte ou lá de onde é que ele vinha.

Chovia.

E a D. Isabel andava pelos corredores tilintando as chaves e falando do reitor Simões e da maldição da escola, e do príncipe D. Pedro que viria buscar Inês de Castro. E o Birinhas entrava a pingar, e patinhava lama em tudo o que era chão, e fungava os cheiros esquisitos pendurados no ar, e tornava a sair como se não fosse nada com ele.

Chovia.

E a Flávia vinha sempre de jornal para a escola. E o jornal estava encharcado de chuva, e as páginas colavam-se umas às outras, e a América e as guerrilhas e os hospitais e as mortes e os filmes e os golos era tudo a mesma papa molhada de papel e tinta. E a Flávia dizia que, em dias de chuva, não valia a pena ser culta, e retilava muito o dia inteiro. A gente dizia que a alma gémea dela era o namorado da Menina Branca, e geralmente apanhávamos com a cultura na cabeça.

Chovia.

E a Outra tinha um casaco vermelho e um guarda-chuva azul, e um ar de quem está à espera de qualquer coisa. E entrava na aula e dizia:

- Parece que está a chover.

E a gente respondia:

- Parece que sim.

E o cabelo dela ficava bonito, despenteado e com chuva nas pontas.

Chovia.

E a setôra de Inglês olhava muitas vezes pela janela, e a Menina Branca, debaixo do um chapéu branco, esperava cada vez mais tempo pelo namorado. E o Rogério vinha muitas vezes de carro buscar a Inês de Castro, e por enquanto ainda não havia sinais do Pedro.

Chovia.

E alguém tinha enrolado um cachecol ao pescoço do Magalhães, porque não era justo que o pobrezinho estivesse a passar aquele frio todo.

Chovia.

E nos intervalos a Luzinha sentava-se à janela com Pé-de-Galinha, e falava da Primavera que ia chegar. E no sol que ia brilhar nos charcos, quando a chuva parasse.

17

A irmã Joaquina tinha fugido do convento. Havia outras notícias no jornal - mudança de leis na Assembleia, mudança de um jogador num clube, mudança de tempo lá mais para a tarde, uma guerra lá muito longe e que não se percebia porquê, uma bailarina que torcera um pé no meio do palco, um filho que desaparecera de casa, um guarda-redes que chamara nomes ao árbitro, um político que insultara a oposição, uma sueca que tivera seis gémeos. Mas para a Flávia os transtornos da humanidade resumiam-se à fuga da irmã Joaquina.

- Sim, porque ela já não é nada nova! Quero ver quando ela se vir numa paragem de autocarro e com tanto número lá em cima, como é que ela vai saber qual deve tomar, sim, porque a não ser que o Menino Jesus lhe sobre lá de cima, «é o 31, ó irmãzinha!», não sei como ela se safará, e se calhar ainda é capaz de ser surda e não ouvir nada, nem o Menino Jesus, e ainda vai parar a cascos de rolha, pela certa!

A Luzinha estava mais impressionada com o desastre da bailarina, a que assistira em primeira mão:

- Ai, coitadinha, logo ali, no meio do palco. Eu confesso que logo, logo, não dei por nada, estava uma senhora à minha frente com uma cabeleira cheia de caracóis e um malmequer enorme no meio dos caracóis, e eu estava meio entretida a soprar para o malmequer, para ver se enxergava mais alguma coisita do palco, onde a bailarina devia estar quase a morrer. Claro que naquela altura ela não parecia muito doente, estava para ali aos pulos, com o príncipe atrás dela, e a minha mãe disse que eles eram cisnes, e eu pensei que se calhar o príncipe estava ali no Parque Eduardo VII a dar pão aos patos, e foi aí que a pobrezinha se estatelou e tunfas! Bem me pareceu que ela tinha morrido um bocado cedo de mais, mas pensei que se calhar os patos também tinham ataques de coração, e a minha mãe só dizia que não eram patos, eram cisnes, e «coitadinha da piquena».

Mas a Flávia só tinha olhos e preocupações para a irmã Joaquina:

- E, além disso, ela não deve ter dinheiro nenhum, nem cartão de crédito, daqueles que se metem num banco que não é banco, que se carrega num número que ninguém sabe qual é, e sai logo uma data de massa. E a coitada só deve saber fazer bolos, toucinho-do-céu, essas tralhas que já ninguém come, hoje é só aqueles gelados espanhóis, que se chamam «Juanita» e «Chiquita», e que a irmã Joaquina não deve saber fazer.

E a Rosalina pasmava com os gémeos da sueca:

- Logo seis de uma vez! Pobre mulher! Será que ela tem nomes suecos para chamar a todos? E como é que ela fará para os distinguir? Se calhar põe-lhes uma pintinha de cores diferentes, só que deve dar um trabalhão enorme andar todos os dias a pintar os desgraçados, e a decorar as cores das pintinhas, «o da pintinha azul é o Jorge, o da pintinha verde é o André, o da pintinha encarnada é o Filipe, o da pintinha amarela é o Paulo, o da pintinha roxa é o Salustiano, e o último não tem nome nem pintinha para eu saber qual é!». Que grande estafa, coitada! E ainda por cima devem ter aqueles nomes suecos, que uma pessoa nem sabe dizer, e olha, e até faz impressão, pobres miúdos, não lhes bastava terem cada um cinco irmãos ao mesmo tempo, ainda vão ter que aprender a falar sueco!

Mas a Flávia continuava na sua:

- Ora, seis filhos não é nada comparado com os que teve a minha antepassada, que foram dezasseis! Claro que não foram todos ao mesmo tempo, mas mesmo assim... E por acaso a filha mais nova também se chamava Joaquina e também entrou para um convento, e também fugiu dele, com um trapezista que lá foi com uma companhia de circo, e a Joaquina achou que, assim como assim, ia parar ao céu de qualquer maneira, e então voava de um lado para o outro e tocava com os pés e as mãos e a cabeça no tecto do circo, e ela estava contente, e o trapezista estava contente, e Deus estava contente, e as irmãs estavam contentes porque tinham sempre bilhetes de borla, e só o gerente do circo é que não gostava assim muito porque, sempre que iam as

irmãzinhas, lá ficava o circo cheio e ele não via nenhum. E um dia estava muito bem a Joaquina, que agora era «Jojó, a Magnífica», de cá para lá, de lá para cá, quando olha para baixo e dá com uma fila inteira ocupada pela mãe e pelos quinze irmãos, todos de olhos arregalados lá para cima porque ainda a julgavam descansadinha no convento, e assusta-se tanto que levou as mãos à cabeça e disse «ai, meu Deus!». E, como levou as mãos à cabeça, o trapézio ficou sem mãos nenhuma, e a Joaquina veio disparada por aí abaixo. E dizem que Deus gostava tanto da arte da Joaquina que lhe pôs a mão por baixo e levou a Joaquina para o céu. Mas como nunca mais se ouviu falar dela, não sei se foi verdade ou não. Ora onde é que eu ia?

- No 31 em cascos de rolha - disse o Zé Pedro.

E a Flávia disse que os rapazes não percebiam nada de tragédias. E que por acaso o 31 até ia para Alvalade e não para cascos de rolha. Só que a irmã Joaquina não devia saber isso.

18

No dia de Carnaval a nossa sala foi ocupada por um bando de sádicos que iam fazer ponto de Matemática. A Inês de Castro falava com a Outra, e tinha uma etiqueta nas costas que dizia: «esta equação é igual a zero». A gente fartou-se de olhar para os alunos da outra turma, mas estavam todos com um ar tão infeliz, que foi impossível distinguir o autor da graça.

Então fomos postos dali para fora. Por acaso até foi muito mais divertido do que ficar na aula, porque a Outra levou-nos escada acima até ao 1.º andar, e escada acima até ao 2.º, e quando toda a gente pensava que já não havia mais escadas para ir acima, ainda metemos por uma portinha que dava para um sótão e que parece que era dantes a casa do reitor Simões. Toda a gente ficou muito contente, fora o João Nuno que estava sempre a tropeçar no rabo, a Rosalina que estava sempre a ter gente a tropeçar no véu do chapéu de bico, e a Luzinha que trazia um cesto cheio de rosas e tropeçou no véu da Rosalina, deixou cair o cesto, e as rosas escorregaram todas escada abaixo, e ainda por cima era uma escada daquelas a pique e cheia de degraus estreitinhos, escorregadia como sabão, e mesmo boa para se deixar cair uma data de rosas, que patinaram logo até lá abaixo.

A D. Isabel veio abrir a porta da sala, e bichanou que aquilo tinha sido o quarto do reitor Simões, e toda a gente ficou com montes daquele medo que faz cócegas no estômago e nos dedos dos pés, e a Outra olhou para a D. Isabel com o olhar fulminante do reitor Simões e disse: «patetices», e começou a dar aula.

A princípio ainda houve alguns problemas de acampamento. A Flávia reivindicou uma mesa só para ela porque disse que, com a roda do vestido, já não havia espaço para outra pessoa. O Zé Pedro disse que se ela vinha mascarada à antepassada era porque a antepassada também se tinha posto a cavalo com um vestido daqueles. A Flávia rodou as pistolas e disse que a antepassada tinha roubado umas calças ao pai, mas que o pai dela tinha dito que não ia estragar umas preciosas calças em palhaçadas daquelas.

O João Nuno não conseguia enfiar a cauda verde e comprida pela cadeira, e só retilava «raio de ideia, raio de ideia!».

- Sim, realmente, raio de ideia vir mascarado de dragão... - disse o Zé Pedro.

O João Nuno indignou-se:

- Não é dragão, é «Dinossaurus-Rex» - e resolveu enrolar o rabo no pulso direito.

Depois descobriu que assim não podia escrever, e levou o resto da aula a desenrolar e a voltar a enrolar à volta do pulso esquerdo.

A Outra resolveu chamar a Alzirinha ao quadro. Pilha-Seca arrancou a pena da fita enrolada na testa e martelou no rádio, e chiava lá para dentro:

- Não, não é vampiro sangrento, daqui fala Bufalo Bill, filho de Bisonte Branco e Pezinhos-de-Lã.

A Outra perguntou à Alzirinha se não era mais prático tirar a pala em vez de estar sempre a levantá-la. A Alzirinha disse que Camões sem pala era como um predicado sem verbo. A Outra disse que já estava a ficar com falta de ar. O «Dinossaurus-Rex» disse que aquilo era da altura, Bufalo Bill indignava-se para o correspondente da rádio:

- Não é manco, é Branco!... Bisonte Branco!... E Pezinhos-de-Lã... Sim... Eu sei lá se não tinham lâ!... Então o que é que vestiam?... Tas xoné ou quê?... Pezinhos-de-Fibras-Vegetais?...

A Flávia deu-lhe com as pistolas na cabeça, porque assim não ouvia nada do que a Outra estava a dizer. A Outra disse-lhe que pusesse as pistolas na secretária. A Flávia disse-lhe que agora passava a ser Flaviah Belle-Rose-de-la-Serre-e-Silva, porque o latifundiário tinha franceses na família. Então a Outra virou-se para a Alzirinha e perguntou-lhe por que é que ainda não tinha acabado. A Alzirinha disse que, com um olho tapado, só via o sintagma nominal. Então a Outra chamou a Rosalina ao quadro e a Rosalina ainda levou um bocado de tempo a equilibrar o chapéu na cabeça e a desprender o véu do pé da mesa. E Bufalo Bill continuava, pouco convencido com o

nome da mãe:

- Ó chaval... pronto, tira o Pezinhos... não são os teus... o nome, grande marmanjo... Bisonte Branco e Grande Marmanjo?... Não, não é disso, estás marado...

E Flaviah Belle-Rose-de-la-Serre-e-Silva rodava as pistolas com ar ameaçador.

E no quadro Rosalina não se entendia ao mesmo tempo com o giz e a varinha de condão e o apagador e o chapéu de bico e o véu do chapéu de bico.

Foi então que a Outra mandou a Rosalina buscar giz. Nem sabia ela a falta de ar que ainda estava para vir.

19

Foi depois de aquilo ter acalmado um bocado que a gente reparou que a Rosalina estava a demorar. Ao princípio nem ligámos muito, porque pensámos que ela se tinha enganado na sala outra vez. Mas aquilo começou mesmo a demorar, até porque a Rosalina já estava habituada a trocar as salas e não demorava muito a descobrir o engano, e geralmente voltava depressa. Mas agora não. Demorava mesmo. E a Outra com falta de ar, e o Bufalo Bill sem nome para a mãe, e a frase sem sintagmas.

E foi então que, pela segunda vez, fomos à procura da Rosalina. E a D. Isabel vinha atrás e dizia que aquilo era maldição do reitor Simões. E a Outra dizia, «patetices», e o João Nuno dizia, «raio de ideia».

Demos a volta à escola. Tornámos a descer as escadas, tornámos a apanhar as rosas da Luzinha, que tropeçou no rabo do «Dinossaurus-Rex», tornámos a ir àqueles sítios da escola onde nunca ninguém ia.

E a Flávia foi ao gabinete de Ciências e entregou as pistolas ao Magalhães, e disse que era promessa para a Rosalina se salvar. E a Luzinha disse «coitadinha». E foi então que descobrimos a Rosalina. Estava cá fora, entalada nas grades. Quer dizer, a única coisa entalada era o chapéu, mas o chapéu tinha um elástico daqueles que não rebentam nem por nada, e debaixo do elástico estava a Rosalina, que não podia sair do chapéu.

Então a Outra disse, «não te mexas, Rosalina», e ficou lá dentro do pátio enquanto nós íamos por aí fora e dávamos a volta à escola pela rua, e puxávamos do lado de lá das grades. Mas o chapéu estava mesmo entalado de todo.

Por aquela altura já havia uma data de pessoas a olhar. Um senhor de bigodes tomava muitas notas no caderno. Um velhote ria à gargalhada. Pé-de-Galinha olhava muito atento para contar aos outros marcianos as armadilhas-em-que-os-humanos-caem-sem-se-saber-porquê.

O João Nuno agarrou numa ponta do véu, e puxou com tanta força que o véu se desprende mas o resto ficou lá.

- Ai a seda da minha mãe... - gemeu a Rosalina.

Mas o João Nuno disse que a mãe, apesar de raptora, havia de gostar mais dela do que da seda. Bufalo Bill exclamava para a rádio: «o quê, seda também não?... Então que raio vestiam eles?». Uma velhinha levou as mãos à cabeça e gritou «ai uma menina ali presa, coitadinha, e a casa a arder!», e a Rosalina perguntou «aonde? aonde?», e ao tentar virar a cabeça o chapéu soltou-se milagrosamente. E toda a gente desatou a rir, e a bater muitas palmas, e dar muitos suspiros de alívio.

Então o homem de bigode, que tomava notas, chegou-se a nós e disse:

- Isto é para o jornal «Amigos da Cascalheira». Como é que se deu o desastre?

E a Rosalina só dizia que nem sequer tinha conseguido trazer o giz, que tinha saído e apanhado uns bocados da caixa, mas depois viera o Birinhas e assaltara-a miseravelmente e à traição, fugindo pelas grades com os bocados na boca, e ela, burra, tinha ido atrás, mas pelos vistos o chapéu não quisera, e agora como é que iam escrever sem giz.

A Outra parecia curada da falta de ar, e só apertava ainda mais a pobre da Rosalina, que já tinha estado entalada tanto tempo, e dizia-lhe que não pensasse mais no giz.

E o homem de bigode chegou-se a nós outra vez e perguntou:

- Os meninos são colegas da sinistrada?

E a gente disse que não, que éramos colegas da Rosalina. E o homem escrevia. E uma vez levantou os olhos, viu a Alzirinha e perguntou:

- Aconteceu-lhe alguma coisa ao olho?

A Flávia dizia à velhinha que tinha feito uma promessa e a velhinha disse «a menina é uma santa», e a Flávia ficou muito comovida. Bufalo Bill perguntou à velhinha se não achava que Pezinhos-de-Lycra era nome estúpido de mais para uma mãe. E a velhinha perguntou-lhe por que é

que ele não lhe chamava Maria das Dores. E Bufalo Bill disse que Maria das Dores não era nome de índio. E o homem de bigode perguntou:

- O menino é índio?

E foi aí que Bufalo Bill decidiu ficar órfão de mãe.

O homem de bigode pediu os nossos nomes. A Flávia aproveitou para lhe perguntar se já se sabia alguma coisa da irmã Joaquina. O homem de bigode disse que não era ele que estava a tratar do caso. A velhinha disse que era tudo uma grande pouca-vergonha. O homem de bigode perguntou à Flávia se «de-la-Serre» tinha tracinho, e se Rose era com «o» ou «ou». O João Nuno abanava-se com a cauda verde. E o homem de bigode disse:

- É a primeira vez que vejo um dragão salvar a princesa.

E o João Nuno deitou-lhe um olhar ofendido e disse:

- Não é dragão. É «Dinossaurus-Rex».

E a Rosalina disse que tinha uma coisa a fazer e desapareceu.

E no dia seguinte a D. Isabel apanhou um susto de morte quando entrou no gabinete de Ciências e deu de caras com o Magalhães de cachecol ao pescoço, pistola em punho, e chapéu de bico pendurado na cabeça.

20

A setôra de Música batia com o lápis no piano:

- Ó ricos! Mas que sinfonia é esta?

Era assim: nas outras aulas a gente fazia barulho, chinfrim, terrorismo, e um estrondo do caraças, conforme a gíria e a paciência dos professores. Em Música era sempre, elegantemente, sinfonia. Convenhamos que dava outro requinte, o que não impedia que as sinfonias se prolongassem em concertos igualmente requintados.

Naquele dia a sinfonia era ainda mais gloriosa porque, misturadas com o barulho do costume, vinham as pancadas do Pilha-Seca que, empunhando o apagador, martelava em dó, em lá, em ré, tentando afinar o piano, ou seja, fazer com que os sons que de lá saíam correspondessem aos sons que a setôra tinha na cabeça.

- Então, rico - perguntava a setôra -, isso vai?

A meio de uma sova em ré, o Pilha-Seca abanou a cabeça:

- Tudo na maior, minha!

A setôra franziu o sobrolho:

- Acha? Tem graça, a mim parece-me ré menor...

- Tá a gozar comigo? Tá pior... Olhe que fica assim e é um pau!

A setôra suspirou e voltou-se para nós:

- Bem, meninos, vamos ao ditado. - Tornou a suspirar: - Ouçam bem, ricos. Eu vou ditar, mas agora o dó é o ré, perceberam?, e o ré é o mi, ponham tudo mais para cima e quando ouvirem um mi já sabem que dantes era um ré, mas agora já não é, e por isso marcam como é agora, e não como era dantes, porque ontem o ré ainda era ré, ou fazia como se fosse, mas hoje vamos fazer tudo como deve ser, e pôr as coisas no lugar delas. Ou seja: o dó de ontem fica o ré de hoje e possivelmente o mi de amanhã, mas isso depois a gente vê. Perceberam?

- Não - disse a Rosalina.

A setôra suspirou:

- Ó ricos, eu às vezes nem sei que vos faça... Uma coisinha tão simples...

Martelou pensativamente um mi que era o fá de hoje e possivelmente o sol de amanhã, e ordenou:

- Avance a honra e a glória da escola!

Pronto. Agora é que não havia safa possível.

A honra e a glória da escola eram meia dúzia de infelizes que constituíam o coro para cantar na festa do fim de ano. A gente bem tinha argumentado que um coro já estava muito visto. Que podíamos fazer outra coisa, tocar ferrinhos, formar um quarteto, um quinteto, uma orquestra, até mesmo um rancho folclórico. Mas a setôra olhara para nós com o ar horrorizado com que a setôra de Ciências dera de caras com o Magalhães a pingar azeite, e declarara:

- Folclore já a gente cá tem a mais!

E era assim que a honra e a glória da escola continuava intacta.

A princípio a setôra ainda tinha pensado em pôr o Zé Pedro em primeira figura, assegurando-lhe, para dali a alguns anos, uma grande carreira de tenor. O Zé Pedro nunca percebeu se aquilo era insulto ou não mas, quando deu pela cantiga - «somos pequeninos e ladinos / hoje canteiros, amanhã obreiros / crianças com esp'rança pra viver» -, declarou que canteiro era a sua avó torta, e que para canções daquelas não havia esp'rança possível.

E foi assim que começou a carreira da Flávia.

21

- «Minha mãe pra m'eu casar / prometeu-me três ovelhas / uma é coxa, outra cambada / outra mouca das orelhas».

- Não, não, rica! - interrompeu a setôra. - Tem que dar mais ênfase, mais espírito, mais qualquer coisa! A rica está ansiosa por que a sua mãe lhe dê os animais!

- Estou? - dizia a Flávia. - Francamente não sei porquê. Nem eu estou em idade de me casar, nem a minha mãe tem ovelhas, nem eu tinha onde as pôr.

- Mas isto não é pessoal, rica! A rica tem que fingir!

- Ó setôra, e não podemos fingir outra? Olhe, aquela assim: «e o que se leva desta vida é o que se come, é o que se...»

- Essa não vem no programa, rica!

- A setôra devia conhecer a minha tia Eusébia...

- Terei muito prazer em conhecer a sua tiazinha, rica, mas agora comece lá. Vamos...

«Minha mãe pra m'eu casar / prometeu-me três ovelhas...»

- Ainda por cima era forreta - continuou a Flávia. - A mãe da minha antepassada também tinha ovelhas, mas essa ao menos deu-lhe o rebanho inteiro quando a minha antepassada estava para casar com o Tóino das Garrafas. Só que depois vieram os franceses, e a minha antepassada jurou que nunca cairia nas mãos do inimigo, e trocou metade do rebanho por um burro e uma pistola. Também, verdade que o burro não era lá grande coisa, mas ao menos sempre se aguentou até à casa do latifundiário. E à outra metade do rebanho disse-lhe assim: «Vão ter com o Tóino e digam-lhe que tenho muita pena.» E as pobres lá foram, coitaditas, só que aquilo era noite e escuro como breu, e em vez da casa do Tóino foram meter-se no acampamento dos franceses, que viram aquela comida toda, pensaram que era uma dádiva de Deus, que estava seguramente do lado de Napoleão, e as comeram todas. E foi assim que o Tóino ficou solteiro toda a vida.

- Lamento muito, rica, mas agora comece lá ou nunca mais saímos daqui.

- O Tóino também não saiu - disse a Flávia. - Claro que ele, coitado, tinha mesmo decidido ficar solteiro toda a vida, mas depois, olhe, viu lá uma francesa, viúva de um coronel, ou sargento, ou lá o que era, casou e montou uma taberna que se chamava Fugida da França. Claro que toda a gente julgava que era em honra da mulher, mas só ele é que sabia...

- Olhe que a aula está a acabar, rica! - afligiu-se a setôra.

- Deixe-me acabar a mim, setôra - pediu a Flávia. - Pois o Tóino, coitado, lá estava um dia a limpar o balcão, quando lhe entra uma dama pela taberna adentro, toda a escorrer sangue, e lhe diz:

- O meu marido morreu.

E ele ali, sem saber se lhe dava os pêsames ou o que é que havia de fazer. E ela tornou a sair como entrara. Então o Tóino grita assim: «Ó Lisette, toma-me conta do negócio!» e sai atrás da dama. Andaram, andaram, andaram até chegar à estrada. E lá estava a carruagem toda de pantanas, e com a cabeça do latifundiário enfiada pelo vidro da esquerda, e os cavalos, coitados, que nem se mexiam. Se fosse hoje, a gente mudava o pneu, mandava aquilo para a oficina, chamava o 115... Mas naquela altura... Pois chegou ali a dama, sacou da pistola e matou os dois cavalos só de um tiro. Um morreu do tiro e o outro do susto. E depois a dama desmaiou para cima do Tóino, que estava que nem acreditava no que via, e ainda por cima teve de carregar com a dama o caminho todo até casa, e olhe que não pesava tão pouco como isso, até porque já estava entradota... Bom, a dama caiu à cama e delirou durante trinta dias. E foi aí que o Tóino ficou a saber toda a verdade: que aquela que ali estava era a mesma que dali tinha fugido de pistola à cinta e montada num burro. Mas um dia entra ele no quarto, preparado para tirar tudo a limpo, e da dama, nicles. Tinha deixado um bilhete que dizia «obrigada» (ela nunca tinha sido muito de escrever grandes cartas) e a pistola em cima. Vai ele pega na pistola e aponta-a à testa, mas depois pensa «coitada da Lisette que não tem culpa nenhuma, não vou deixá-la agora viúva outra vez, e de negócio nos braços». Então

baixou a pistola. E a Lisette nunca percebeu por que é que, na manhã seguinte, em vez de Fugida da França a taberna se chamava Voltada à Terrinha. Não se sabe se a minha antepassada voltou para juntos dos filhos ou se morreu antes de lá chegar. Mas dizem que, às vezes de noite, se ouve na estrada o barulho de uma carruagem a voltar-se, uma pistola a disparar-se e uma voz de mulher chorando o marido morto. E pronto. Ora onde é que a gente ia?

E foi assim que começou a carreira da Luzinha.

22

A Luzinha não estava destinada a ser cantora. Aquilo começava bem, mas depois a voz ia caindo, caindo, caindo, e a gente chegava-se para a frente para ver se ouvia mais qualquer coisa, até que chegava o momento em que só se ouvia o refrão da cantiga, entoado por um coro que também não primava pela musicalidade.

A setôra fazia grandes gestos no ar.

- Mais alto, rica, mais alto! Assim os seus colegas não ouvem! O rico aí atrás está a ouvir alguma coisa?

O João Nuno ergueu uma sobrancelha e não disse nada.

- Tem que o tratar por Sua Alteza, setôra - disse a Flávia.

- Ah sim? - interessou-se a setôra. - O rico é príncipe?

- Sou o Afonso Henriques. Mas é só amanhã.

- E eu sou a D. Mafalda - saltou a Rosalina. - E depois de casar, sou o invasor.

- Pois - disse o João Nuno.

A setôra espantou-se:

- O rico vai casar com o invasor?

O João Nuno deitou-lhe um ar superior e declarou:

- Quando casa, ainda não é.

- Ah... - fez a setôra. - Foi depois, não?

- Eu cá digo que não vai resultar pôr a mesma pessoa a fazer de D. Mafalda e de uma data de mouros - disse o Ezequiel. - Mas ninguém ligou.

A setôra cada vez percebia menos.

- A rica é uma data de mouros?

- Milhões e milhões deles - afirmou a Rosalina. - Todos a cavalo e a gritar por Alá, que é para o Afonso Henriques aprender.

- Pois - disse o João Nuno. - Mas não importa, porque de qualquer maneira eu acabo com eles todos.

- Isso é o que vamos ver... - rosnou a Rosalina.

- Miserável invasor... - disse o João Nuno.

E a Rosalina disse «repete lá», e o João Nuno repetiu, e a Rosalina começou logo ali a acabar com ele, e a setôra desterrou-os para a rua. Depois virou-se para a Luzinha.

- Vamos rica, mais alto! No dia da festa nem a primeira fila a vai ouvir, quanto mais a última.

- Ó setôra, não podíamos fazer um jogo de futebol em vez do coro? - pedia a Alzirinha.

A setôra fez um ar horrorizado.

- Futebol?! Isto é alma, rica! Música é alma!

A Alzirinha preferia claramente ir arejar a alma para outro sítio, mas não disse nada.

A Luzinha esganiçava-se o mais que podia:

- «Meninos rabinos / cuidado na rua / olhem para os lados / não estejam na lua.»

Pé-de-Galinha trincava levemente a pétala de uma rosa. A Lua não o atraía muito.

Ainda se fosse Marte...

- Hoje vem uma história parecida no jornal - interrompeu a Flávia. - Um homem ia a atravessar a rua, não olhou para os lados, veio de lá um carro, o homem assustou-se, o carro desviou-se, bateu numa camioneta, que bateu num poste, que caiu e matou o homem.

A Luzinha olhou para a Flávia e declarou que nunca mais cantava canções daquelas. Pé-de-Galinha engasgou-se com a rosa e toda a gente se levantou para lhe bater nas costas. E lá de fora o João Nuno e a Rosalina perguntavam se já podiam entrar. A setôra disse que ia falar com o professor de Ginástica por causa de um jogo de futebol.

E foi assim que a honra e glória da escola foi à ruína.

23

No quadro, em letras grandes, o setôr Meireles tinha escrito:

- «História - 50.^a Lição.»

E por baixo, com muitos floreados e arrebiques:

«A Fundação da Nacionalidade.»

Como dizia o setôr, já que de qualquer maneira nunca chegaríamos à centésima lição, comemorávamos a lição n^o 50 e já não era mau. Como dizia a D. Isabel, poucachinho, mas de boa vontade. Ou, como dizia a Inês de Castro, «despachem-me essa coisa que eu tenho pontos para corrigir». O setôr ficou muito indignado porque nunca ninguém, nem mesmo o Pilha-Seca, tinha ousado chamar «essa coisa» à fundação da nacionalidade. Mas nessa altura toda a gente tinha mais em que pensar, por isso o setôr limitou-se a resmungar «espanholas!», com um ar muito ofendido. O que era muito esquisito porque a Inês de Castro não era espanhola, tinha nascido em Castelo Branco, e o mais estrangeiro que tinha era uma prima casada com um norueguês de nome muito comprido cheio de pontinhos e agás.

Entretanto, a peça estava quase a começar e a audiência ajudava no que podia. A D. Isabel cortava um bocado à túnica da Flávia. A Outra desenhava uns bigodes ao João Nuno que, à última da hora, decidira que assim ficava mais impressionante, como convinha ao herói da fita. O setôr de Trabalhos Manuais tentava a todo o custo martelar um prego na espada do Afonso Henriques, mas até aí ainda só martelara dois dedos de cada mão e um botão do casaco que tinha ficado preso.

E o resto dos professores estavam todos sentados nas nossas carteiras e ficavam com um ar esquisito à brava. Ainda por cima, e como de costume, a Rosalina ainda não aparecera. E Afonso Henriques, de bigode até às orelhas, e sobrancelhas ferozmente pintadas de marcador preto, perguntava como raio é que ia ser invadido, se a invasora andava por aí feita parva à procura da sala.

24

A peça começava com uma cena comovente: a morte do conde D. Henrique, amado pelo povo, temido pelos inimigos, chorado por mulher e filho. O conde, no entanto, parecia pouco decidido a morrer, e mais interessado em consertar as interferências da rádio-pirata das Galinheiras, e estava sentado no leito de morte soprando «1,2,3... experiência... 1,2,3, experiência» para dentro da tampa da caneta - enquanto a mulher, de mão na anca, lhe berrava, muito pouco compadecida, «vê lá se morres de vez, que isto tem de ir para a frente!».

Finalmente o conde lá se decidiu a largar as interferências e a declamar a famosa tirada «se um dia deixares de fazer justiça um palmo, logo outro dia se afastará de ti uma braça», meu! - segurando a mão do João Nuno, que já estava de coroa na cabeça, espada à cinta e «ketchup» a escorrer de um olho para adiantar serviço.

Na segunda cena o ex-conde D. Henrique, agora conde Peres de Trava, devia declarar-se à Flávia, chorosa viúva e regente do reino. Verdade se diga que o papel de galã da fita também não parecia o mais indicado para o Pilha-Seca que, nesse momento com o ar mais intrigado do mundo, bichanava «aqui vampiro sangrento! Vampiro sangrento chama a base!», olhando perplexo para a tampa da caneta e parecendo pouco apressado em fugir com D. Teresa, a qual, sem tirar a mão da anca, gritava:

- Digam a este palerma que fuja comigo, se não fujo eu sozinha e está o caso arrumado!

Aí o Pilha-Seca levantou a cabeça e disse:

- Eu, fugir com esta pileca, nem morto!

O Zé Pedro pegou no guião:

- É pá, não é assim! É: «vem, minha rainha, vou levar-te para bem longe daqui, para a minha terra de Espanha».

O conde de Trava dizia que estava bem arranjado se aparecesse na terra dele com uma coisa daquelas, e que em Espanha queria ele estar para não o chatearem, meu!, enquanto a D. Isabel murmurava:

- Ó Dr. Meireles, então ele já estava morto e agora vai para Espanha?

A Batalha de São Mamede foi encontrar o conde de Trava ainda mais perplexo com o rumo dos acontecimentos. Salta o João Nuno de espada em punho e grita-lhe:

- Sai-me da vista, maldito traidor!

O conde fez um ar aliviado e disse:

- Ah, bom, já podias ter dito!

E preparava-se para descer do estrado. O João Nuno gritou:

- É pá, tens de me bater primeiro!

O conde fez um ar de quem não estava a perceber nada mas, para acabar com aquilo, vai e dá uma bofetada ao João Nuno, o João Nuno grita «é pá, era a fingir!» e desfecha uma espadeirada no conde.

D. Teresa, para acabar com a batalha, pega no braço do conde e anuncia «ele rende-se!», mas o conde também tem o seu orgulho e responde «isso é que não rendo!» e atira-se ao Afonso Henriques, o Afonso Henriques berra «ó setôr, ele não quer morrer!», e a D. Teresa, vendo ameaçado o rumo da História, muda-se para o campo do adversário e prega outra bolacha no conde, enquanto a Outra mandava buscar algodão e álcool porque, no meio da barafunda, já não se tinha muita certeza do que era «ketchup» e do que não era.

A terceira cena encontrava Afonso Henriques sentado à secretária a recompor-se da batalha e à espera da noiva que, pelos vistos, demorava a encontrar a sala. A Alzirinha tropeçava na batina e perguntava:

- Ouçam lá, isto é para hoje ou para amanhã?

- Quando a minha antepassada casou, demorou tanto que o noivo adormeceu no altar -

dizia a Flávia.

- Olhem, fico solteiro e pronto - decidiu o João Nuno.
- Ficas solteiro coisa nenhuma - indignava-se a Flávia -, caso eu contigo e acabou-se, assim como assim, entre isto e o convento...

Enquanto a D. Isabel, que cada vez percebia menos, murmurava:

- Ó Dr. Meireles, então ele pôs a mãe no convento e agora casa com ela?

O que também não resolveu as coisas porque, na quarta cena, estava tudo parado, desta feita à espera do invasor.

- Isto só a mim... - gemia Afonso Henriques. - Primeiro o pai não me morre, depois a noiva que não aparece, e agora o invasor que nem sequer sabe onde é o campo de batalha...
- Eu bem te disse que podíamos ter posto o Zé Pedro a fazer de mouros - dizia o Ezequiel.

- Eu não tenho jeito para estas palhaçadas - dizia o Zé Pedro.
- A fundação da nacionalidade não é nenhuma palhaçada - dizia o setôr.
- Se fosse o Camões, já nada disto acontecia... - resmungava a Alzirinha.
- Pilha-Seca, faz tu de mouros e acabou-se - pediu a Flávia.
- Ah não, outra vez não! - dizia o Pilha-Seca.
- Agora não há batatada! - garantia o João Nuno.
- Oquei, meu! - concordou o Pilha-Seca.

Então o Afonso Henriques pegou na espada, saltou para cima da secretária («ai o material!», gemeu a setôra de Ciências) e berrou «rende-te, infiel!», ao que o infiel encolheu os ombros e respondeu prazenteiramente «oquei, meu!».

Afonso Henriques baixou a espada:

- Não é «oquei, meu!», grande palerma!, é «nunca, por Alá!».
- «Nunca por Alá, meu!» - repetiu o Pilha-Seca.
- Desisto - disse o Afonso Henriques.
- Então e eu? - perguntava o infiel.
- Tu morres - rosnava-lhe Afonso Henriques.

- Pelas minhas contas, já é a terceira vez que aquele infeliz vai desta para melhor - lastimava a D. Isabel.

O Pilha-Seca abanava a cabeça:

- Se morro é porque morro, se não morro é porque não morro...

Enquanto na quinta cena a Alzirinha coroava o João Nuno Afonso I de Portugal, e a Rosalina entrava na sala a perguntar se ainda faltava muito para começar.

25

Como já se disse, a Inês de Castro não era má pessoa, apesar de mandar problemas a mais nos trabalhos de casa. Quando a Inês de Castro trabalhava, trabalhava a sério. E quando a Inês de Castro se divertia, divertia-se a sério.

Foi assim que um dia decidiu que já tínhamos trabalhado muito e marcou um passeio para o dia seguinte. Ordenou-nos que preparássemos as mochilas porque íamos à floresta. A Inês de Castro quando passeava, passeava a sério.

E no dia seguinte lá estávamos à espera da carrinha. Toda a gente ia preparada. O Ezequiel levava mapa, bússola, canivete, lanterna, caderno, lápis e o «Manual de Sobrevivência» para o caso de nos perdermos. A Luzinha levava tesoura, agulha, linha, dedal, algodão, termómetro e mercurocromo. A Flávia levava as pistolas da antepassada. A Alzirinha levava «Os Lusíadas» e o emblema do Benfica. Pé-de-Galinha levava uma rosa. O João Nuno lembrou-se de aparecer com a cana de pesca do tio Fernando, e não descansou enquanto não a encaixou dentro da carrinha. E lá partimos.

O motorista fartou-se de resmungar durante toda a viagem porque levava a cana de pesca apoiada na nuca e parece que aquilo lhe fazia cócegas como tudo. Deve ter sido por isso que, por várias vezes, a carrinha andou assim de cá para lá e de lá para cá como se estivesse bêbada. Mas ninguém deu muito por isso, porque ia tudo a cantar que arrebetava os ouvidos, e também deve ter sido por isso que o motorista estava sempre a mexer nas orelhas.

A Flávia queria cantar aquela «o que se leva desta vida é o que se come, é o que se bebe, é o que se brinca, ai, ai», mas antes que viesse por aí a tia Eusébia a gente começou uma que era «e vai o comboio, tchaf, tchaf a correr pelos carris». Mas aí a Inês de Castro perguntou se não sabíamos uma que não metesse comboios, que era coisa que ela já tinha até aqui. Então a Alzirinha levou a mão ao peito e começou: «Ser do Benfica / é ter na alma / a chama heróica», e o João Nuno saltou logo indignado:

- Ser do Benfica é ser parvo, mas é.

E a Flávia deu-lhe com as pistolas na cabeça. E a Alzirinha, cada vez mais inflamada, continuava: «... corram meus homens / de camisolas berrantes», e aí o João Nuno resolveu lutar com armas iguais e berrava «somos leões / a marchar para a vitória», e a Alzirinha esganiçava-se «... e papoilas saltitantes», e o João Nuno chegou ao fim do hino e rematou:

- Burra!

E levou com «Os Lusíadas» na cabeça para aprender a respeitar o glorioso. E o motorista gemeu «meu Deus!» porque se calhar era do Porto, e foi nessa altura que íamos chocando com uma árvore. Tínhamos chegado à floresta.

Então descemos da carrinha, menos a Alzirinha que andava de gatas entre os assentos à procura de «Os Lusíadas», e o João Nuno, que levou uma data de tempo a tirar a cana de pesca lá de dentro.

A Inês de Castro voltou-se para nós e disse:

- Agora, meninos, vamos visitar uma quinta aqui perto. Portem-se bem e venham atrás de mim.

Começámos a andar. Aquilo era assim mais para mato do que para floresta, mas mesmo assim havia árvores de sobra. A Inês de Castro ia à frente. O João Nuno ia atrás de todos porque a cana estava sempre a enrolar-se nas árvores e nas ervas. A Flávia ia de pistola em riste porque tinha lido não sei onde que aquilo estava infestado de tigres, elefantes, camelos, crocodilos e outros monstros afins. A Rosalina tropeçou na cana de pesca e esfolou um joelho. Berrou tanto que espantou os tigres, e foi por isso que a Flávia nunca lhe perdoou.

E com tudo isto íamos ficando cada vez mais para trás. Às tantas já não víamos a Inês de Castro, mas o Ezequiel tirou a bússola e disse que íamos na direcção certa.

Andámos que tempos e só havia árvores, e nunca mais chegávamos à tal quinta. Pé-de-

Galinha mexia desesperadamente as orelhas à Dr. Spok, o que era muito mau sinal, sabe-se lá o que estaria ele a dizer em código aos outros marcianos. A Rosalina coxeava e dizia que queria voltar para trás. O Ezequiel disse que, segundo a bússola, íamos para o norte. A Rosalina disse que não queria ir para o norte, queria era voltar para a carrinha.

Foi então que, de entre as árvores, ecoaram uns rugidos ensurdecedores:

- Hiiiiiii! Um tigre! - gritou a Alzirinha, e a Flávia ergueu as pistolas e disse «nem mais um passo ou disparo!», e um rafeiro malhado saltou do arvoredo e desfez-se em lambidelas de boas-vindas.

- Anda cá, Leão - chamou uma voz.

- Não posso com leões... - disse a Alzirinha.

E a Rosalina disse:

- Leão? Então não era um tigre?

E o tigre abanava o rabo, e ladrava de contente, e correu para um velho que saiu das árvores. O velho era muito alto e muito magro, e tinha uma grande barba branca e um grande cachimbo ao canto da boca. Era assim um bocadito careca como o Pé-de-Galinha, mas não tinha nada cara de marciano.

O velho olhou para nós.

- Estão perdidos, miúdos?

- Não - disse o Zé Pedro. - A Inês de Castro é que se perdeu de nós.

- Aqui é que é a quinta? - perguntou a Rosalina.

O velho desatou a rir, e riu tanto que se engasgou com o cachimbo, e o Pé-de-Galinha bateu-lhe nas costas, porque tem muita experiência das vezes em que se engasga com as rosas.

Então fomos ver a quinta.

Aquilo era uma casita a cair de velha no meio do mato. Tinha uma capoeira por detrás, e uma galinha dentro dela. O velho disse que a galinha se chamava Filipa. A gente pôs os dedos na rede e fartou-se de levar bicadas, até que a Filipa deu com a cana de pesca e ficou fascinada. Começou a andar à roda aos pulinhos, e com aquele ar muito admirado como só as galinhas sabem fazer.

Como já estava a ficar tarde e nada da Inês de Castro, pensámos que ela tinha decidido voltar para a carrinha. Então dissemos adeus ao velho, ao Leão e à Filipa, e viemos de volta para o sul.

Andámos e andámos. A Rosalina dizia que estava enjoada. O Zé Pedro dizia que não estava a reconhecer aqueles sítios. O Ezequiel abriu o «Manual de Sobrevivência» e leu «pegar no machado», e descobriu que não tinha machado nenhum. E então ouvimos um cacarejar doce atrás de nós.

- Filipa! - disse o João Nuno. - Mas que raio estás aqui a fazer?

- Evadiu-se - disse a Flávia com ar satisfeito. - É muito parecida com a minha antepassada.

A Filipa olhou para nós com ar solene. Parecia menos estúpida do que a maioria das galinhas. Depois esfregou a cabecinha nos tornozelos do João Nuno.

- Só me faltava mais esta - gemeu o João Nuno. - Agora fui adoptado por uma galinha...

E depois tivemos de nos faltar de andar outra vez para o norte, para entregar a Filipa ao velho. O velho disse que não fazia mal, que ela estava muito velhinha, que nem para canja servia, e que podíamos ficar com ela, porque ele ia deixar a quinta e mudar de vida. E indicou-nos o caminho de volta.

Aquilo devia ser floresta encantada, com certeza, porque andávamos, andávamos, e parecíamos estar sempre no mesmo sítio. O João Nuno dizia que uma vez tinha lido um livro em que havia uma miúda que também andava às voltas, às voltas, às voltas.

Foi numa dessas voltas que desembocámos num sítio cheio de carros velhos, e decidimos descansar um bocado, porque isto de passeios cansa uma pessoa.

- Bom sítio para o acampamento - disse o Ezequiel.

- Qual acampamento? - espantou-se a Alzirinha.

- Se estamos perdidos, nunca mais ninguém nos há-de encontrar, aqui no meio do mato - disse o Ezequiel.

- Uma vez vi um filme que era um gajo que também foi dar a uma ilha deserta e ficou lá sozinho com outro, que se chamava Sexta-Feira - disse o João Nuno, de dentro de um monte de sucata.

- Se calhar até vamos ter de assar a Filipa - disse o Ezequiel.

- Coitadinha... - gemeu a Luzinha.

- Cócóricó - gemeu a Filipa.

- Ela diz que vás assar a tua tia - disse o João Nuno.

A Flávia desabou dentro de um «Mini» todo esfrangalhado e disse:

- A minha antepassada foi a primeira pessoa lá da aldeia a ter um carro. Fartou-se de matar galinhas só a tocar a buzina.

Procurou a buzina do «Mini», mas o «Mini» já não tinha buzina, e de resto não havia grande diferença, agora que se lembrava que, no tempo dos franceses, não havia carros e que por isso a história não pegava.

A Filipa continuava de olhos arregalados ao colo do João Nuno. E o Ezequiel disse:

- Estamos perdidos da civilização.

E a Rosalina começou a chorar e disse que já estava farta de estar perdida da civilização. Depois lembrou-se que assim não tinha de fazer ponto de Matemática, e parou de chorar. E disse que, vendo bem, não era assim tão mau estar perdido da civilização. A Flávia recostou-se no assento esburacado do «Mini», e disse que estava um bocadinho cansada.

E então adormecemos.

Só acordámos com um grito da Inês de Castro:

- Mas o que é que vocês estão aqui a fazer? Há séculos que ando à vossa procura! Não me ouviram chamar?

Voltámos à carrinha. O Ezequiel disse que afinal devíamos ter ido para sudoeste e não para norte. O motorista olhou para o João Nuno e perguntou:

- Então, pescou muito peixe?

E o João Nuno disse:

- Não, pesquei uma galinha.

A viagem de volta foi mais calma, e toda a gente concordou que se dormia muito bem numa carrinha antes de ela ir para a sucata. E a Rosalina disse que afinal não era mau voltar à civilização. Só o motorista é que não gostou muito, porque a Filipa levou a viagem inteira a dar-lhe bicadas na orelha.

E lá chegámos à escola.

Contámos a toda a gente como, depois de longa busca, tínhamos encontrado a Inês de Castro que andava perdida na floresta. E toda a gente ficou muito contente por se ter salvo a Inês de Castro. Porque a Inês de Castro, como já se disse, nem é má pessoa. Apesar de mandar problemas a mais nos trabalhos de casa.

26

O João Nuno dizia que era uma sorte o tio Fernando gostar tanto da Filipa. A Filipa tinha muita paciência. Chegava da escola e ia pôr-se ao pé do tio Fernando a ouvir as histórias do tempo em que o tio Fernando era pirata.

Mas de manhã não havia nada que arrancasse a Filipa da escola. Ao princípio o João Nuno não gostava muito de andar com uma galinha atrás, cacaracá para aqui, cacaracá para ali, mas depois habituou-se, e toda a gente lá da escola gostava muito da Filipa. A D. Isabel até lhe leu na pata que ia ser uma galinha famosa e que havia de casar com um galo loiro e de olhos azuis. Depois levou uma bicada e então declarou que, afinal, a Filipa ia ficar viúva toda a vida. A Filipa não se importou muito com isso. Sacudiu a pata e o destino, e foi para a aula de Matemática.

Mas, de resto, toda a gente gostava dela. Pé-de-Galinha passou-lhe a mão pelas penas e não levou bicadas. Nenhum animal fazia mal ao Pé-de-Galinha porque o Pé-de-Galinha tinha mãos de cego, e era como se visse por elas. Se calhar todos os marcianos tinham mãos assim.

Depois o João Nuno leu um livro em que havia um tipo que tinha de pintar uma parede mas que, afinal, recebia dinheiro de outros que lhe pagavam para ele os deixar pintar um bocadinho. Achou que era muito boa ideia, atou um cordel à Filipa, e havia muita gente na escola que ia buscar a Filipa para dar uma voltinha. Porque até havia gente que só tinha visto galinhas sem cabeça nem penas, congeladas, nos supermercados.

Isto até que um dia a setôra de Ciências, que tinha estado num congresso, voltou e deu de caras com a Filipa sentada numa carteira. Levou as mãos à cabeça e disse:

- Meu Deus, e se ela põe um ovo?

- Estrela-se - sugeriu a Rosalina, e foi para a rua.

- Seja como for, não quero esse animal asqueroso na minha aula - declarou a setôra.

Nessa altura o João Nuno não ligou muito mas, quando foi ver ao dicionário o que era «asqueroso», e leu «sujo, repelente, torpe, infame», resolveu fazer greve e foi amuar para o quarto do reitor Simões. E toda a gente foi amuar com ele, menos a Filipa, que, além de ser suja, repelente, torpe e infame, também era uma amarela traidora.

Veio a Outra falar connosco e explicou que, por ela, não se importava, mas que alguns professores não gostavam de ter animais na aula, e que a Filipa até talvez se divertisse mais cá fora. E então, a partir daí, a Filipa esperava por nós cá fora. E nos intervalos havia sempre gente que a levava a passear.

E o Birinhas morria de ciúmes.

27

Quando estudámos os Descobrimentos, o setôr Meireles resolveu levar-nos ao Museu da Marinha. Porque - disse - era uma experiência inesquecível. Também disse que não se responsabilizava porque connosco nunca se sabia. Então a Inês de Castro disse que nos levava ela mas que, por enquanto, ainda não tinha a certeza, porque parecia que vinha aí o pai da Rosalina falar com ela, e com o pai da Rosalina nunca se sabia. E a Outra disse que o melhor de tudo ainda era irmos com ela, porque com o setôr Meireles e a Inês de Castro nunca se sabia.

Afinal acabámos por ir sozinhos porque à última da hora apareceu o pai do Ezequiel para falar com a Outra, e a Outra mandou-nos ir ter com a Inês de Castro. Como a Inês de Castro estava com o pai da Rosalina, fomos ter com o setôr Meireles. E, como o setôr Meireles disse que não se responsabilizava, fomos sozinhos.

Aquilo no autocarro ia a abarrotar. Um grupo de velhinhos, à volta de uma telefonia, ouvia o relato de futebol, um grupo de criancinhas estava entretido a despejar o reportório musical de dois anos de creche, e uma cigana com um lenço encarnado na cabeça embalava um bebé ao colo. Ao fundo, bem escondida no meio do maralhal todo, ia a Dó-do-Senhor, com um cesto cheio de ovos e um xaile preto nos ombros.

- Para esconder o revólver, com certeza - bichanava a Flávia. Mas nessa altura o Zé Pedro voltou com os dedos cheios de casca de ovo e a pingar clara, e disse que aquilo eram mesmo ovos, e de quem tinha sido a brilhante ideia das bombas.

Mas já ninguém ouviu mais nada porque do lado de lá da telefonia alguém tinha marcado um golo, e os velhinhos, claramente do clube adversário, chamavam nomes ao árbitro, batiam com os pés no chão, diziam que era tudo uma grande pouca-vergonha, e os que ainda tinham cabelo arrancavam o que dele restava. As criancinhas batiam estrondosas palmas e chilreavam «atirei o pau ao gato-to-to mas o gato-to-to não morreu-reu-reu», e o bebé continuava mergulhado no mais profundo sono nos braços da cigana.

Então a Flávia disse que a Dó-do-Senhor estava ali para entregar uma mensagem ao inimigo, e que tivéssemos os olhinhos bem abertos para salvaguardar a integridade da Pátria. Nesse momento, a Rosalina berrava «não morreu-reu-reu», o Zé Pedro limpava a clara de ovo ao casaco, a Alzirinha discutia com os velhinhos, afirmando que o árbitro tinha toda a razão e que os cartões amarelos existiam para serem usados, o João Nuno tentava desprender a Filipa que tinha enrolado o cordel ao pescoço e cacarejava de desespero, a Luzinha perguntava à cigana «como se chama o seu menino?», e a cigana respondia «Matilde», e ninguém parecia especialmente interessado em salvaguardar a integridade da Pátria. A Flávia teve de se contentar em olhar ameaçadoramente para as criancinhas a ver se se decidia qual delas agia por conta do inimigo, pelo que uma das criancinhas desatou num berreiro que imediatamente se estendeu às outras.

Sáímos do autocarro acrescidos da Matilde, agora ao colo da Luzinha, porque a cigana tivera que ir não sei aonde e lhe pedira para tomar conta do bebé durante um bocado. A Flávia abriu muito os olhos e disse que burra tinha sido, que a cigana era a cúmplice da Dó-do-Senhor, e que devíamos segui-la para ver onde era o quartel-general do inimigo. O João Nuno disse que burra era ela sempre, e que não tinha a mínima intenção de se ir meter no quartel-general do inimigo.

Chegámos então à porta do museu. O guarda olhou para a Matilde ao colo da Luzinha, depois olhou para a Filipa de guita ao pescoço, depois olhou para as cascas de ovo no casaco do Zé Pedro, e depois perguntou:

- A vossa professora não vem?

- Não - disse a Flávia. - A Inês de Castro disse que talvez viesse, mas a Inês de Castro ficou a falar com o pai da Rosalina.

E o guarda olhou para a Flávia e disse:

- Vão chatear outro!

E a Matilde acordou e começou a chorar.

- Pronto, pronto - dizia a Luzinha. O João Nuno dizia que aquilo era fome, e a Alzirinha sugeriu que se lhe enfiasse um bocado de bolacha pelas goelas abaixo. Como o mais parecido que se encontrou foram sandes de presunto, e como já toda a gente estava com uma certa fome, fomo-nos sentar em frente ao rio a devorar o farnel e a empurrar bocados de presunto e coca-cola pelas goelas da Matilde. Embora a Luzinha dissesse que não estava muito certa que presunto fosse o alimento indicado para uma criança de meses. Mas a Matilde devorava bocado atrás de bocado, e chegou a beber duas latas de coca-cola das grandes, e ainda mais três pastéis de Belém com canela e açúcar.

- Isto é do ar do rio - dizia o João Nuno. - O meu tio Fernando sempre disse que o ar do rio fazia milagres.

Mas nessa altura a Matilde acabou o terceiro pastel e reclamava mais, alto e bom som, pelo que João Nuno teve de desistir do seu pastel, resmungando quem lhe mandara a ele acreditar em milagres.

A Rosalina olhou para a Matilde.

- E se a mãe dela não vem? - perguntou de repente. - Às vezes dizem que vão ali um bocadinho e depois só voltam daí a trinta anos...

A Luzinha olhou para a cara da Matilde, que dormia outra vez, empanturrada de sandes e pastéis de nata, e disse que não se importava nada que a mãe não viesse. O Ezequiel disse que, sendo assim, o nosso dever era entregá-la à polícia. A Luzinha disse que lhe tinham confiado o bebé a ela e não à polícia e que, além disso, os polícias não deviam saber mudar fraldas. O João Nuno olhou para o rio.

- Podia passar por aqui um barco e levá-la.

- Ah, isso é que não levava! - declarou a Luzinha.

- O meu tio Fernando foi num barco-pirata quando tinha cinco anos - continuou o João Nuno. - E passou dez anos empoleirado nas velas a ver se via terra. E um dia, em vez de terra, viu um barco «viking» e houve batatada dos dois lados, e tanta confusão que, quando o tio Fernando deu por isso, já estava escarranchado nas velas do barco «viking». O barco «viking» levava prisioneira uma princesa turca. A minha tia Inês não gosta lá muito desta parte mas, de qualquer maneira, ela está completamente enganada porque o tio Fernando ficou prisioneiro no outro lado do barco, nem sabia uma palavra de turco e a princesa acabou até por casar com o vigia. Houve uma festa de arromba no porão do barco, que era onde a princesa estava prisioneira, comeram-se bolachas com água salgada, e o vigia foi promovido a timoneiro, embora duvidasse que isso fosse suficiente para sustentar uma princesa, mas enfim, como ela estava no exílio e prisioneira... Depois os «vikings» fizeram uma dança guerreira, mas parece que os deuses não gostaram porque mandaram uma tempestade daquelas, e foi de maneira que naufragaram todos e ficou o caso arrumado.

- Não quero que a Matilde naufrague - disse a Luzinha.

- E, além disso, os piratas são pobrezinhos. Quem é que depois ia pagar a creche, a escola, a universidade?

- Sim, sim - disse a Flávia -, não querem que ela seja mais uma analfabeta, pois não?

O João Nuno ordenou-lhe que fosse chamar analfabeto ao Magalhães. A Flávia disse que não se devia insultar quem não estava presente para se defender. O João Nuno disse que não via por que é que alguém que ia ser pirata precisava de universidade. A Flávia disse que pirata muito bem, mas pirata culto, e a Alzirinha disse que o melhor ainda era ser como o Camões.

Foi nessa altura que chegou a cigana. Deu um beijo a todos menos à Flávia, que se recusava a ser beijada pelo inimigo, e à Luzinha que, de repente, não queria entregar a Matilde.

28

O guarda do museu parecia embirrar com a Inês de Castro, porque nos mandava chatear outro sempre que a gente falava nela. Por isso, decidimos telefonar à Outra, para ver se o pai do Ezequiel já se tinha ido embora. Primeiro ainda estivemos um bocado a discutir, para ver quem é que ficava dentro da cabina. Depois ninguém se lembrava ao certo do número de telefone da escola, e primeiro que acertássemos ainda falámos com o Banco Totta e Açores, com uma Maria Cândida que chamou minha senhora ao João Nuno, e com a Padaria Meu-Docinho, à qual a Flávia aproveitou para perguntar se tinha bolas de Berlim, mas daquelas sem açúcar por cima e que não saísse o creme todo pelos lados. O melhor que nos aconteceu foi acertarmos à quarta vez, porque já começava a haver uma certa falta de trocos.

A empregada que atendeu tornou a chamar minha senhora ao João Nuno, que tornou a não gostar da graça, e foi chamar a Outra.

Passavam-se os segundos, os minutos, as moedas.

- Grande namoro com o teu pai, ó Ezequiel! - disse a Flávia. O Ezequiel deu-lhe uma bofetada, porque não admite que se insulte a família, e a Outra atendeu.

- João Nuno! - A voz era aflita. - Aconteceu alguma coisa?

- Ó setôra - disse o João Nuno -, é que por mais que a gente faça, o guarda não acredita na Inês de Castro!

O suspiro da Outra foi tão grande que até fez vento pelo telefone.

- Ai, meninos, até julguei que era alguma desgraça!

O João Nuno indignou-se:

- Pois quer maior desgraça do que esta? Uma pessoa tenta ser culta, enche-se de boas intenções e depois, tunfas!, leva com a porta na cara!

- Bom - e a voz da Outra já era mais calma -, eu vou ver o que é que posso fazer. Não saiam daí.

Fora da cabina a vida continuava. Que é como quem diz, a Alzirinha tinha dito que aproveitava e ia ver os postais do museu, o Pilha-Seca tinha ido comprar mais uns pastéis de nata para refazer o desfalque da Matilde, e o Pé-de-Galinha tinha desaparecido. - Escolheu boa altura para desaparecer, não haja dúvida - resmungou o Zé Pedro.

- Coitadinho... - gemia a Luzinha. - A culpa foi minha, eu devia ver por onde ele anda, mas estava tão preocupada com a Matilde, coitadinha, a pensar se aquilo tudo não lhe fará mal à barriga, que nem dei por nada. Coitadinho, eu já devia ter adivinhado que isto ia acontecer. Quando ele fica assim que nem se mexe, que até faz impressão, e depois aquele ar admirado, que eu nunca pensei que ele pudesse olhar assim para um bebé, mas também eu não podia pegar na Matilde e deitá-la a afogar, alguém tinha que tomar conta dela, não podia ter olhos para os dois...

- Pronto, pronto - dizia o Zé Pedro. - Também não deve ter ido longe!

Não fora. Estava no meio do lago com o ar mais calmo deste mundo, enterrado na lama até aos joelhos, e com o gorro até às orelhas, como sempre que as coisas não lhe correm bem.

A sorte é que aquilo não era fundo. O Zé Pedro gritava-lhe «não te mexas que eu vou aí buscar-te!», Pé-de-Galinha sorria vagamente e não parecia ter nenhuma intenção de se mexer dali. Condescendeu em deixar-se levar às cavalitas do Zé Pedro, olhando interessadamente para tudo, com se aquilo fosse visita guiada ao Jardim Zoológico e nós estivéssemos atrás das grades. Chegado à margem, desmontou do Zé Pedro, olhou pelo canto do olho para a Luzinha e, como se não fosse nada com ele, foi sentar-se numa pedra, pernas cruzadas, mãos nos joelhos, verde até à cintura, igualzinho ao Buda que a setôra de Música traz às vezes pendurado ao pescoço.

- Lindo menino... - disse o Zé Pedro, para ver se o fazia rir. Mas Pé-de-Galinha olhou-o longamente com ar de porta fechada, e deixou-se ficar quieto e calado.

- Não gosto nada disto - dizia a Luzinha. - Não gosto nada, nada disto.

- Tive um tio que se ia afogando num lago - disse a Flávia -, mas a água dava-lhe pelos

tornozelos. Depois tentou o veneno, mas não conseguiu abrir a tampa do frasco, depois atirou-se de uma rocha, mas ficou a boiar no mar, depois pegou numa faca, mas estava enferrujada, e então acabou por decidir que lhe dava muito menos trabalho continuar vivo.

Pé-de-Galinha olhava-a muito ofendido. Foi aí que a Flávia perdeu a paciência:

- O menino está com ciúmes, está? - gritou. - Pois fique sabendo que só lhe faz bem!

29

O guarda olhou-nos ainda mais desconfiado quando deu pela falta da Matilde e viu as pernas enlameadas do Zé Pedro e do Pé-de-Galinha. O que ia na sua cabeça devia ser qualquer coisa como «pronto, lá foram estes infelizes afogar a criança», mas o que ele disse foi:

- Que engraçadinhos! Com que então a Inês de Castro? E querem que eu caia nessa?

Foi então que chegou a Outra, esbaforida, exclamando:

- Oh, meninos, vocês desculpem, mas a Inês de Castro não pôde vir!

E acrescentou para o guarda, que a olhava embasbacado:

- É sempre a mesma coisa. Eu nem sei como é que ainda acredito nela...

Não queriam deixar entrar o Pé-de-Galinha e o Zé Pedro por causa da lama, e a Filipa por ser galinha. Mas a Outra declarou que ou ia tudo ou não ia ninguém. E, recuperada a Alzirinha, que vinha a sair com um grupo de turistas depois de ter visitado o museu inteiro, tornámos a entrar todos, a Alzirinha como cicerone, Pé-de-Galinha e Zé Pedro espalhando pegadas de lama por todo o museu.

O setôr Meireles estava cheio de razão: foi uma experiência inesquecível. Principalmente para o desgraçado que teve de limpar aquilo tudo depois de nós sairmos.

30

A Outra estava doente. Pelo menos foi isso que a Inês de Castro nos disse, apesar de D. Isabel jurar a pés juntos que o que ela tinha era fugido com o filho de um ministro que a viera buscar à meia-noite num «Porsche» encarnado.

- E por que não o filho de um canalizador numa mota com escape roto? - sugerira a Flávia.

Mas a D. Isabel replicava logo que conhecia muito bem o canalizador que costumava ir trabalhar a casa da Outra, tinha três filhas feias como o pecado, mas nenhum filho, e uma furgoneta a dizer «Benjamim Castelo e Herdeiras», mas nada de moto com escape roto.

A Flávia suspirara e dissera que, por essa altura, a Outra já devia estar na CEE a ensinar os ministros todos a fazerem árvores de frases. O João Nuno disse que já estava à espera porque, afinal, tantas árvores não podiam fazer bem à saúde de uma pessoa. E que já há algum tempo que ela estava com falta de ar. E que a devíamos ter obrigado a faltar às aulas. Às vezes, o Pilha-Seca disse «ié, ié», e a Filipa disse «cócóricó». A Rosalina fez um ar sinistro e disse:

- A Outra vai morrer. Eu sei que vai.

A Luzinha gemeu «coitadinha», e Pé-de-Galinha puxou o gorro quase até ao pescoço, rebentou duas malhas e deixou-se ficar com o gorro enfiado mais para um lado, borla à banda, um ar muito mal-humorado e aspecto geral de quem acabara de assaltar o banco mais próximo. Havia uma semana agora, desde a desfeita da Matilde, que ele não trazia rosa nenhuma. Às vezes ia abrir a porta à Outra, insistia em dar-lhe um beijo, voltava triunfante para o lugar. Depois deixou-se disso, ficava sentado muito quieto, muito calado, muito ofendido e muito confuso. Até já nem transmitia mensagens em código de orelha para os outros marcianos. E a gente pensava que talvez a nave se tivesse cansado de esperar por ele e o abandonasse na Terra.

A Luzinha já falara com ele. Já lhe dissera que gostava mais dele que da Matilde. Que gostava mais dele que de toda a gente do mundo. Mas Pé-de-Galinha deitara-lhe um olhar desdenhoso e, numa declaração de guerra, arrancara o gorro e deitara-o ao chão. Desde então não mais se falaram.

A Outra estava doente e a D. Isabel vinha dar aula em seu lugar. Sentava-se à secretária e ria-se com a boca, com os olhos, e o cabelo e o pescoço e o nariz, e falava, falava, falava. E numa semana o reitor Simões substituiu as árvores, os sintagmas, os emissores e os receptores, e foi matéria única das aulas de Português.

A Outra estava doente. E o reitor Simões nascia de cesariana, aprendia a dizer «república» e «constituição» aos onze meses, passava com distinção no exame da quarta classe, e pedia namoro à Ophelina-com-agá que morava na janela em frente e brincava com as bonecas nos intervalos do namoro.

Aos vinte anos o reitor Simões decidiu ser médico, porque achava que a bata lhe ficava muito bem. Aos vinte e um perdeu a bata e desistiu do curso, e foi então que decidiu fazer da casa uma escola para meninos. Pelo meio das reguadas decidiu casar com a Ophelina-com-agá, com a condição de ela deixar as bonecas. A Ophelina-com-agá deixou as bonecas, mas descobriu que se divertia mais com o professor de Matemática, que era ruivo e de bigodes até ao chão, e que a levava à Estufa Fria a ver os flamingos, e ao Jardim da Estrela a ver os cisnes. O reitor Simões andava muito ocupado a ser reitor e só deu pela brincadeira quando a Ophelina-com-agá lhe apareceu de aliança no dedo e três gémeos de cabelo cor de fogo.

Diziam que fora ele que matara o professor de Matemática à reguada. E que depois o fechou dentro do armário. E que um dia dissera à Ophelina-com-agá:

- Há uma coisita para ti naquele armário.

E, cheia de curiosidade, ela abriu a porta, e lhe caíra o ruivo em cima, e a matara.

Diziam que desde então o reitor Simões tivera a marca do Diabo: um pássaro negro sobrevoava-lhe a cabeça, e seguia-o constantemente como nuvem de tempestade. E às vezes, ao pôr do Sol, um grupo de alunos juntava-se atrás das grades para ver passar o reitor Simões, alto e curvado, sobrevoado pelo pássaro negro, seguido por três gémeos cor de fogo e olhos cor de frio.

Diziam que um dia as asas negras do pássaro se alongariam em dedos, e a mão do Diabo cairia sobre o reitor Simões, e justiça seria feita. Mas, três anos depois, a mão do Diabo caiu morta na rua e foi enterrada no jardim pelos três gémeos. E o reitor Simões viveu de perfeita saúde até aos oitenta e sete anos.

E um dos gémeos morreu de pneumonia era ainda rapazinho. Outro partiu para o Oriente e estendeu-se na lama de um rio, no vale, a olhar para as estrelas. E o último ficou em casa a tratar do reitor Simões, que nem lhe era nada. E o reitor Simões havia de morrer segurando na mão de um filho que nunca tivera, tocando no cabelo ruivo do professor de Matemática.

E diziam que o fantasma do reitor Simões ainda andava pela escola murmurando as suas desgraças, a mão do Diabo pairando pela sua cabeça, ao longe soando as reguadas no professor de Matemática, e um grito esbatido de dentro do armário - servindo como únicas testemunhas de tudo as bonecas da Ophelina-com-agá.

Diziam.

Ou melhor: dizia a D. Isabel.

31

- Vocês têm a certeza que é aqui? - A voz meio desconfiada do João Nuno.

- Claro que é aqui - disse o Zé Pedro.

Entrámos devagar. Estava escuro, um frio de pedra e pó, um cheiro a madeira gasta, a comida, a prédios velhos. Não era nada parecido com a Outra.

- Não vi lá fora o carro do ministro... - murmurou a Rosalina.

- Não há ministro nenhum, burra - bichanou o João Nuno.

A Flávia, que ainda não perdera a esperança de encontrar a irmã Joaquina, empunhou o jornal e disse que, se ninguém subisse, subia ela. Que remédio senão ir atrás. A escadinha era muito torta, os degraus rangiam a cada passo, e era como se todo o prédio soluçasse debaixo dos nossos pés. O Pilha-Seca murmurava «vampiro sangrento em missão de reconhecimento», a Flávia cantarolava «vai alta a lua na mansão da morte / já meia-noite com vagar soou», o João Nuno perguntava «você não acham que devíamos voltar?», Pé-de-Galinha abraçava um enorme ramo de rosas amarelas e, de vez em quando, agarrava-se ao vestido da Luzinha. Depois lembrava-se que estava zangado e largava-o.

Foi então que as vimos. Estavam imóveis, acoradas em fila no último degrau. Eram enorme, negras, peludas, de olhos amarelos e bigodes que nunca mais acabavam.

- Hiiiiiiii! - fez a Alzirinha. Viu-se um jornal ir pelo ar, a Filipa cacarejou desesperadamente e, num segundo, toda a gente estava outra vez no rés-do-chão, a tremer dos pés à cabeça com a recordação dos monstros.

Quando o Pilha-Seca parou de bater os dentes, ouviu-se um riso mansinho de dentro de uma parede.

- O fantasma do reitor Simões... - disse a Rosalina, abrindo muito os olhos.

- Duvido - disse o Zé Pedro. Empurrou uma portinha quase escondida na parede, e a velha levantou a cabeça despenteada e cinzenta, os olhinhos fecharam-se num sorriso trocista, as mãos de anéis de todas as cores fecharam-se numa caneca cheia de um líquido verde, que deitava fumo que nem uma chaminé e cheirava a detergente e a erva molhada. Um gato muito magro e encardido saiu de debaixo do banco e bufou ameaçadoramente.

- Está calado, Tobias - cascalhou a velha. - Não está habituado a estranhos... Mas é muito bonzinho.

- Calculo... - murmurou a Flávia. Que logo acrescentou: - Há ratazanas lá em cima.

A velha olhou o reflexo azul de um anel, bebeu um gole de chá, fez uma careta e disse:

- Pois há.

- São enormes - continuava a Flávia.

- Pois são - riu a velha.

- E então?

- Então - sorriu a velha -, bata com os pés no chão que elas fogem.

Tornou a olhar para o chá. Havia dois olhos dentro da caneca a olhar para os olhos dela.

- Tem veneno, este chá - disse, em ar de conspiração. - E os anéis também. Todos eles. Todos cheios de veneno. Fui eu que os enchi esta manhã, por isso sei.

Tobias bufou. E o Zé Pedro fechou a porta atrás de nós.

- Não olhem para mim dessa maneira - murmurou a Flávia. - Eu vim para ver a Outra, e hei-de ver a Outra, nem que tenha de dar cabo de um regimento de ratazanas!

Que remédio senão ir atrás. Daquela vez o prédio trovejava por todos os degraus, e até a Filipa ajudou à festa, cacarejando o mais alto que podia. Daquela maneira teríamos afugentado nem que fosse um regimento de elefantes.

- A minha prima Anabela ficou sem uma orelha por causa de uma ratazana - disse a Rosalina, ofegante. - Estava a dormir e a sonhar que estava a ser operada aos ouvidos, de repente

acorda e vê uma ratazana enorme a banquetear-se com as suas orelhas.

Foi com uma enorme dor de ouvidos que tocámos à campainha.

32

A Outra afastou levemente o cabelo da cara e sorriu. Tinha um roupão vestido e, por cima, ainda um xaile vermelho. Parecia mais nova e mais magra. Fez uma festa na careca do Pé-de-Galinha, que se tinha instalado no seu colo e continuava abraçado às rosas. Recostou-se na cadeira:

- Mas quem é que vos meteu isso na cabecinha?

- Ninguém nos dizia nada - explicou a Flávia. - E então a Rosalina começou com um pressentimento para aqui, um pressentimento para ali, e que sabia que a setôra ia morrer, e que tinha sonhado que estava muito mal, e que...

- Miserável queixinhas... - resmoneava a Rosalina.

- ... e que tinha poucos dias de vida - continuava a Flávia - e, além disso, como a minha antepassada também morreu de resfriado, pelo menos é o que dizem, embora eu pense que foi de susto, resolvemos vir vê-la.

A Outra fez mais festas na careca do Pé-de-Galinha, depois perguntou como iam as aulas, e se sabíamos a matéria para os testes. Nós dissemos que as aulas iam bem, e que sabíamos a matéria toda, fora a Rosalina que ainda não tinha percebido a regra de três. E então ficámos sentados e calados enquanto a Outra, que sabia tudo, explicava a regra de três à Rosalina.

Estava frio, um frio pequenino que se metia cá dentro e arrepiava. À entrada, Pé-de-Galinha tinha perguntado baixinho:

- A Outra é pobrezinha?

Lá fora chovia, mas cá dentro havia cortinas de renda nas janelas, e uma boneca loira sentada numa cadeira, e fotografias da Outra em pequenina, com pessoas que não estavam ali, e num lugar que não era aquele, e uma senhora dourada segurando uma balança sem pratos, e que o Ezequiel disse que era a Justiça.

- Não, não é pobrezinha - dissera o Zé Pedro. As pessoas pobrezinhas não tinham Justiças douradas na mesa. Ou tinham?

Entretanto fizera-se luz no espírito da Rosalina, que sorria o seu mais aliviado sorriso. A Outra tinha os dedos cobertos de tinta, e um ar cansado como tudo. Tornou a chamar a Rosalina e perguntou:

- Então e o teu irmão quando é que nasce?

E a Rosalina ficou outra vez de muito mau humor, e foi pôr-se ao pé da janela a seguir com os dedos as gotas de chuva que escorriam pelo vidro. Depois cansou-se e disse:

- Não se vê ninguém.

A Outra levantou a cabeça e disse:

- Vê-se muita gente.

A gente olhava mas não via nada, só a chuva que corria calmamente, e uma fila de prédios cinzentos e iguais, e uma rua quieta, pequena, escura.

- Há um rapaz que chega às seis e passa a noite a estudar - dizia a Outra. - E na outra janela fica a avó, com um vestido azul aos folhos. E adormece todas as noites em frente à televisão. Depois vem o rapaz com uma manta e tapa-a. Às vezes ela acorda e prega-lhe ralhetes de meia-noite. Uma vez até lhe atirou com um chinelo, e o pobre ficou toda a noite com gelo na cara, e a água escorria e encharcava os livros todos.

- Quando o meu irmão nascer, fujo de casa - disse a Rosalina.

E a Outra pôs o Pé-de-Galinha no chão e pegou na Rosalina ao colo, e embalava-a muito, apesar de a Rosalina já ser grande de mais para lhe pegarem ao colo. E a Outra tinha razão para parecer cansada porque a Rosalina é quase maior que ela.

Então a Outra começou a falar das ratazanas. E de como corriam de noite por dentro das paredes, e por cima do tecto, e de como guardavam o bebé que morava ao lado, e como sossegavam quando o bebé dormia. E como de manhã pareciam pássaros. E de como o Tobias

costumava caçá-las quando era novo.

A Rosalina tremia devagarinho, pendurada ao pescoço da Outra. E a Outra falava dos anéis da velha, a quem chamavam Tia Pequenina. Ganhava os anéis em rifas de feira, achava-os às vezes no passeio e até em caixotes do lixo. E fazia chá de ervas estranhas que achava rentinho a paredes e portões. Dizia-se que mandava o Tobias mexer o chá com a pata, e que isso curava câncros, unhas encravadas, torcicolos. E ficava ofendida quando as ratazanas não ligavam nenhuma ao Tobias.

A Rosalina parara de tremer. Na janela em frente o rapaz tinha chegado, e pegava num livro. Olhava de vez em quando para as gotas de chuva no vidro da janela. Se calhar também não percebia a regra de três.

- Quando eu era muito pequena e chovia - disse a Flávia -, a minha mãe costumava dizer que eram as janelas que choravam.

Quando a Outra era pequena, havia pessoas por trás da mesma janela quando chovia, e a Outra ainda se chamava Lúcia, e ainda não chorava como agora, silenciosamente, as lágrimas escorregando pela cara muito branca, depois pelo pescoço, depois perdendo-se no cabelo da Rosalina.

Depois de muito tempo, a Outra passou as mãos pela cara, ficou toda suja de tinta azul e sorriu:

- É melhor irem, se não ainda pensam que as raptei!

A Rosalina deu-lhe um beijo e ficou com a boca azul, e não se importou nada. Pé-de-Galinha parecia fascinado pelas nódoas de azul nos olhos da Outra, e passava-lhe os dedos de cego pelos olhos, pelo nariz, pela boca.

A Outra ficou à porta, de roupão castanho e xaile vermelho e ar frágil. Ninguém se lembrou de bater no chão para afastar as ratazanas e elas não apareceram. Deviam estar a banquetear-se com as orelhas do bebé do lado.

Chegámos ao fim das escadas e saímos para a chuva, enquanto a Tia Pequenina nos olhava docemente, um brilho de lata nos anéis da mão que acariciava o pêlo sujo do Tobias.

33

Os testes não correram mal. Como dizia a Inês de Castro, o que era preciso era calma. A Luzinha tinha roído as unhas até fazerem sangue e afirmava que não podia pegar na caneta. A Flávia passava as noites em claro, e pouco faltou para cair adormecida em cima do ponto de História. A Rosalina tinha sonhado que lhe aparecia a regra de três a avisar que, a partir de agora, passava a ser de quatro. O João Nuno passou dois dias a bater com a cabeça na parede, com a teoria de que aquilo enrijava o cérebro, e quando lhe cresceu um galo enorme, ficou todo orgulhoso, convencido que eram os músculos da inteligência a aumentar. E a Filipa olhava, de cabecinha à banda e aquele ar intrigado como só as galinhas sabem ter. E, quando saíamos da aula, o João Nuno pegava nela e dizia «Filipa, minha pequenita», e a Filipa ria-se, «cócóricó».

Claro que não era tudo um mar de rosas. Houve alguns problemas, principalmente no ponto de Matemática. A Flávia decidiu embirrar com um problema que metia camiões carregados de sacas de batatas e que andavam a 30 km à hora. Em vez de resolver o problema e fazer as contas todas, limitou-se a responder «descarregue o camião e veja se ele não anda mais depressa», e passou ao seguinte. Para alívio da Rosalina, não aparecia a regra de três. Em compensação, num problema que a toda a gente deu 4 carneiros, à Rosalina deu um brilhante resultado de 542452,5 carneiros.

- E então «,5» - disse o João Nuno. - Essa é boa. Quer dizer, metade do carneiro ficou. As pernas de trás deixaram-se estar e as da frente continuaram a correr...

À última da hora apareceu a Outra, que se tinha levantado da cama para nos dar apoio moral «naquela hora de vicissitudes», como costumava dizer a D. Isabel, e acabámos todos num berreiro que nem a Matilde antes dos pastéis de Belém. A Outra assoava-se à manga do vestido, e perguntava, por entre as lágrimas, por que raio tinha caído na asneira de se levantar da cama, e o Birinhas que, ouvindo sons vagamente familiares, se juntara ao coro, uivava que metia dó. Ainda pregámos um susto à Inês de Castro, que ia a passar, e, ao dar de caras com aquele vale de lágrimas e com a Outra, que era suposto estar de baixa, pensou logo que tinha acontecido alguma desgraça.

- Ó colega, mas que sarrabulho é este? - perguntou a Inês de Castro. A Outra limpou os olhos à folha de ponto que o João Nuno lhe estendeu, e soluçava:

- Coitadinhos, são nervos.

A Inês de Castro olhava, vestida de azul berrante, porque tem a teoria de que assim gastamos menos tempo a dar com ela, e declarou:

- Nervos tinha a minha avó e casou-se.

A Flávia abriu um olho e perguntou «com quem?», e a Inês de Castro ficou muito ofendida, porque ela é como o Ezequiel: também não admite que se insulte a família.

A Flávia fechou o olho e bocejou «que só queria saber se teria sido com o Rui Ferrinhos, que era meio-irmão do Tóino das Garrafas e tinha perdido um braço na guerra e ficado muito traumatizado, desde então matando pessoas a torto e a direito com o braço de ferro. E todos diziam que era a ovelha negra da família, até que houve aquela história das ovelhas e o Tóino nunca mais permitiu que se falasse em ovelhas naquela casa. Um dia o Rui Ferrinhos ia a passar e viu uma loira e disse "aquela é alemã pela certa" e vai para lhe dar com o ferro, e é então que vê que se tinha esquecido do ferro em casa. Vai a dama e grita "ai coitadinho, venha comigo que eu dou-lhe qualquer coisinha", e de qualquer coisinha em qualquer coisinha acabou por casar com ele. Mas ela era muito nervosa e não suportava aquele vício que o Rui tinha de matar as pessoas e, quando ele entrava assim sujito de sangue, ela dizia "ó Rui, lá estiveste tu a fazer das tuas", e foi então que ele mudou de ofício e se tornou gaiteiro. Mas mesmo assim ainda lhe davam certas fúrias e mandava com as gaitas em cima da cabeça dos clientes, que os matava que nem tordos. E a mulher cada vez mais nervosa, e a prometer velas a Santa Helena... E foi por isso que eu perguntei, como falaram em nervos e em sarrabulho».

A Outra olhava para a Flávia, de folha de ponto a caminho do nariz. O Zé Pedro dizia: «olha, por acaso bem me estava agora a apetecer um bom sarrabulho», e a Rosalina perguntou: «o

que é isso?», e o Zé Pedro explicou: «pegas numa tigela e deitas lá para dentro uma data de puré de batata e misturas muito bem com sangue de porco e tripas», e a Inês de Castro disse que, se precisassem dela, ela estava na casa de banho, e a Luzinha suspirou e disse: «são nervos, coitadinha».

34

- Corram para aquecer, corram para aquecer! - berrava o setôr de Ginástica.

Já andávamos naquilo havia bem dez minutos. A Rosalina disse «piedade!» e encostou-se à baliza. O João Nuno disse: «ó setôr, aquecidos já nós estamos!», e a Alzirinha disse: «até deitamos fumo», e a Flávia disse que só agora compreendia o que o burro da antepassada devia ter sofrido. Os matulões da outra equipa estavam sentados a ver-nos sofrer e a falar com o «treinador».

Tudo porque a setôra de Música resolvera cumprir a promessa e falar com o setôr de Ginástica por causa do tal jogo de futebol em vez do coro, para comemorar o fim do ano.

O Ezequiel disse que não podia jogar por causa dos óculos, e foi para jornalista, fazer o relato do jogo em directo para a nossa claque, constituída pela D. Isabel e pela Outra. A claque da equipa adversária eram trinta e tal galifões com dois metros de altura, e cartazes monstruosos que diziam «em frente, Baleias!». Claro que, entre os Baleias e um mísero 2.º C, não se pode dizer que o equilíbrio fosse muito, mas enfim.

- «A equipa do 2.º C treina-se no relvado» - relatava o Ezequiel, segurando uma garrafa à laia de microfone. Qual relvado!, aquilo era cimento, e esburacado que nem uma estrada só para pesados... - «Alguns jogadores, no auge dos nervos, param para reflectir e repensar a estratégia» - a Rosalina, que já não podia mais, apoiava-se à baliza -, «outros discutem com o treinador» - o João Nuno: «ó setôr, palavra de honra, quer acabar connosco antes do jogo!» -, «o treinador no 2.º C exhibe a mascote da equipa» - o setôr tinha pegado na Filipa e berrado «ponham-me isto daqui para fora!» - «e o jogo vai começar!» - os galifões avançavam para nós -, «o esférico rola pela erva» - a bola tinha ficado encalhada num dos buracos do cimento -, «mas tem de ser substituído» - o setôr: «mas quando é que há verba para se arranjar a porcária deste campo?!».

O jogo começou. O Ezequiel entusiasmava-se.

- «Os jogadores da equipa do 2.º C estão muito à vontade no campo» - a Rosalina ajoelhará-se na grande área e grita «eu quero ir embora!» - «e mostram grande desportivismo» - estávamos a perder 10 a 0 aos três minutos de jogo -, «mas os Baleias revelam uma técnica talvez mais subtil» - agarravam na bola e nunca mais a largavam! -, «ah!... mas... isto é incrível!... é falta dos Baleias!» - a Rosalina levava uma bolada num dedo da mão direita! -, «grave lesão do guarda-redes... que sai de maca» - a Rosalina batia o pé no chão, e dizia que entrasse um dos suplentes porque ela é que já não voltava -, «o lesionado acaba o contrato com a equipa, e o treinador ordena a entrada de um suplente» - o setôr: «Luzinha, por amor de Deus, vai tu para a baliza!» -, «que parece não estar de acordo» - a Luzinha: «ai isso é que eu não vou!» -, «os Baleias impacientam-se» - o vozeirão de um dos monstros, «ó piriquitos, isto começa ou não?» -, «agressão verbal de todo o lado» - o João Nuno, «piriquito era a sua tia!», «vai chatear outro, miúdo!» -, «e é falta... cartão amarelo para a mascote do 2.º C» - a Filipa atirara-se à bicada ao monstro, enquanto o Gonçalo, que era o árbitro, vasculhava nos bolsos -, «o árbitro parece que se esqueceu dos cartões» - o Gonçalo: «não percebo... estavam aqui ainda há bocado!» -, «será sabotagem, senhoras e senhores?» - uma Baleia pegou na garrafa e soprou «não!», e baixou a garrafa na cabeça do Ezequiel. - «É incrível... agressão à Imprensa!... isto vai de mal a pior...» - a claque dos Baleias continuava, «o árbitro está comprado! Fora o árbitro! Rua! Úúúú!» -, «a honestidade do árbitro é posta em causa», continuava o Ezequiel, «e os jogadores abandonam a equipa» - o João Nuno e a Flávia atiravam-se à claque dos Baleias -, «grande tumulto, senhoras e senhores... a baliza do 2.º C está vazia... o número de jogadores é desigual...» - os que não andavam à batatada tinham-se sentado no chão a descansar -, «o treinador lastima-se» - o setôr: «mas por que é que eu me meti nisto...» -, «o esférico parece que desapareceu» - a Alzirinha pegara na bola e atirara-a à cara de uma Baleia. A Baleia perseguia a Alzirinha à volta da grande área. A Baleia berrava «piriquito!», a Alzirinha berrava, «cachalote!», o Gonçalo perguntava «mas afinal o que é que eu faço?».

O resultado ia nos 124 a 0, e o Ezequiel, sem largar o seu posto: «o público abandona o estádio» - a D. Isabel saía misteriosamente -, «uma Baleia aproxima-se... senhoras e senhores... cuspiu no árbitro!... que apresenta a sua demissão» - o Gonçalo: «acabou-se, já não brinco». E o Ezequiel: «mas o público recomeça a acorrer ao estádio!... Má notícia, talvez...» - a D. Isabel corria para nós. Tinha uma cara feliz à brava. «Aproxima-se do jogador lesionado» - a Rosalina ficou um bocado parada e deixou de esfregar a mão -, «o jogador lesionado parece que recuperou da lesão» - a Rosalina fez um grande sorriso, desatou a correr pelo campo fora em direcção à baliza dos Baleias -, «e... e... e marca golo! É goooooooooo do 2.º C! É golo marcado pelo jogador lesionado! É o delírio, senhoras e senhores!... Salvou a honra da equipa... o jogador dá a volta de honra...» - a Rosalina corria pelo campo e gritava: «sou irmã! sou irmã!» - e era levada em ombros. O Ezequiel agarrou a Alzirinha: «neste momento... neste momento de alegria, algumas palavras para a Imprensa, por favor», e a Alzirinha pegou na garrafa e disse:

- Cá por mim tinha-se feito um coro, que é mais bonito.

E saiu do campo a correr.

35

O setôr de Ginástica só olhava para a Rosalina e perguntava:

- Mas o que é que te deu, assim de repente?

- Quando o Futre marca golos, ninguém lhe pergunta isso - disse a Alzirinha.

A Rosalina quis explicar como era bom ser irmã, mas não conseguiu, por causa de um bocado de chocolate que um dos Baleias lhe dera (os Baleias, como a Inês de Castro, até nem eram más pessoas) e que ficara entalado na garganta. Quando o bocado foi para baixo, a Rosalina ficou com soluços e não conseguiu explicar como era bom pensar que tinha alguém em casa para chatear sempre que chegasse da escola. O setôr só repetia, «mas assim, de repente!», e a Rosalina achou que ele era um insensível, e decidiu que já não queria casar com ele. Casava com o Futre, apesar de não ser loiro, e haviam de ir os dois marcar golos por esse mundo fora, e ela havia de levar o irmão, que faria uma claque estupenda, e nunca havia de deixar que os Baleias lhe atirassem boladas aos dedos.

- Olhe, foi uma coisa que lhe deu, coitadinha - disse a D. Isabel. E a Flávia disse:

- O Rui Ferrinhos uma vez estava a ver um jogo e também lhe deu uma coisa assim que caiu logo para o chão.

E a D. Isabel disse: «também soube que tinha um irmão?», e a Flávia disse: «não, soube que sofria do coração». E a Rosalina disse que ela não tinha sentimentos e que até podia casar com o setôr de Ginástica, que estavam bem um para o outro. E a Flávia disse: «repete lá», e a Rosalina repetiu, e então levou outra bolada num dedo e ficou lesionada das duas mãos, e nunca mais falou como era bom ser irmã.

36

Foi depois disso que aconteceu a desgraça.

A gente até pensou que fosse ataque de coração, como o Rui Ferrinhos, mas minutos depois, alguém encontrou algumas penas suspeitas a espreitarem da boca do Birinhas. A verdade é que eles nunca se tinham dado muito bem.

Foi de repente. Saímos das aulas alegres como tudo, porque toda a gente tinha passado, abrimos a porta, e tunfas!, lá estava a Filipa pendurada na guita, sem se mexer, fria e depenada.

O João Nuno disse: «Filipa, minha pequenita», Pé-de-Galinha ajoelhou-se, pôs o dedo no bico da Filipa e ficou muito tempo a olhar para a marca que ficara no dedo. E a Luzinha ficou na aula para não deixar a Outra ver, porque a Outra ainda não estava completamente boa, e a gente tinha medo que emoções daquelas lhe fizessem mal.

Enterrámos a Filipa no jardim, ao lado do sítio onde a D. Isabel acha que a mão do Diabo foi enterrada pelos gémeos. O João Nuno dizia que a mão do Diabo não era uma boa influência para a Filipa. Mas a Flávia dizia que a Filipa era uma boa influência para a mão do Diabo. O Zé Pedro disse que, de qualquer maneira, iam ter que se habituar à ideia, porque não havia mais nenhum sítio onde se pudesse enterrar a Filipa, a não ser nos vasos de sardinheiras do quarto do reitor Simões, e aí era arriscado porque um dia, sabe-se lá, entrava a D. Isabel para regar as sardinheiras e, em vez das sardinheiras, via asas de galinha, e crista, e bico.

Então fomos para o jardim. E pelas grades começaram a entrar gatos de todas as cores. E cães daqueles grandes, que já não tremiam de frio porque já estava calor. E ficaram todos sentados e calados, a olhar. E nem quiseram saber das sopas de leite, e ainda bem, porque a Rosalina tinha tropeçado nelas e o prato tinha-se escaqueirado, e a Rosalina ficara com os pés encharcados de leite, e já não restara muito para os cães e os gatos vadios.

Estávamos um bocadinho tristes, de maneira que ninguém falava muito. O João Nuno cavou um bocado, arrancou uma couve, pôs a Filipa no lugar da couve, disse «deixa lá, pior que o capitão da equipa dos Baleias ninguém pode ser», e tornou a pôr a couve por cima da Filipa.

- Não acham que se devia cantar qualquer coisa? - disse a Alzirinha.

- Eu não sei nada religioso - disse o João Nuno.

- Eu sei uma que mete uma cruz, mas não é religiosa - disse a Flávia. E então começou: - «Dei à Maria da Luz / uma cruz / de pôr ao peito...»

Foi então que o Pé-de-Galinha abriu muito os olhos, que já eram vesgos, abriu muito a boca e berrou:

- Quero a Luzinha!

Como a Luzinha lá não estava, ninguém ligou.

- «... e um juramento foi feito / pelos dois sobre essa cruz...» - continuava a Flávia.

- Quero a Luzinha! Quero a Luzinha! - gritava o Pé-de-Galinha.

- «... e todas as vezes / que eu via a Maria / dizia-lhe assim...»

Aí o Pé-de-Galinha desapareceu. Mas, como estava sempre a desaparecer, ninguém ligou muito.

- «... Maria da Luz / tu és para mim / o sinal da cruz / da cruz dos meus dias...»

A Filipa tivera um enterro digno.

37

Muito tempo depois encontraram o Pé-de-Galinha. Devia ter corrido a escola toda, sem se lembrar que a Luzinha estava na sala a tomar conta da Outra, que não podia ter ainda emoções fortes. E depois de ter corrido tudo, adormecera aos pés do Magalhães. Presa na mão suada do Pé-de-Galinha havia uma rosa murcha.

Mas a setôra de Ciências não estava lá para compreender o fenómeno.

A Luzinha pusera-lhe o gorro na careca, e ficara muito tempo com ele ao colo, como a Outra fizera com a Rosalina. Pé-de-Galinha abrira um olho, murmurara «quero a Luzinha», e adormecera outra vez, depois de mexer duas ou três vezes as orelhas à Dr. Spok.

A Flávia olhara pela janela e gritara:

- Venham ver os marcianos que se vão embora!

E toda a gente foi ver, e ficou a dizer adeus, embora o João Nuno recordasse, mais tarde, que a nave dos marcianos tinha TAP escrito na asa. O que era, de resto, pormenor sem importância. A Flávia gritara aos marcianos que podiam ir descansados, que o Pé-de-Galinha ficava bem entregue, que, vendo bem, até nem era assim muito mau viver cá em baixo.

Apesar da regra de três, da mão do Diabo, e do capitão da equipa dos Baleias.

38

A gente sabia que, se calhar, depois de sairmos da escola, nunca mais nos íamos ver - fora a Luzinha, que jurara casar com Pé-de-Galinha quando fizesse vinte anos. E que até era uma sorte ele ser careca, porque assim, quando fosse velhinho, ninguém ia reparar nos cabelos brancos, como reparam nos da Outra, que diz que são por nossa causa.

O João Nuno disse que ia comprar um barco, e tornar-se pirata como o tio Fernando, e quando fosse velhinho havia de ter a perna de pau mais respeitada de todo o Atlântico.

A Flávia disse que, quando fosse velhinha, havia de ir num cruzeiro às Caraíbas e ser o terror dos velhinhos.

O Ezequiel disse que ia ser ministro, e comprometia-se a deixar a Dó-do-Senhor sair mais cedo, desde que ela, por sua vez, se comprometesse a nunca mais pactuar com o inimigo.

A Alzirinha disse que ia ficar em casa o dia todo a ler «Os Lusíadas», e a olhar para as centenas de Botas de Ouro que havia de ganhar na sua gloriosa carreira.

A Rosalina disse que havia de pegar no irmão, e levá-lo ao outro lado do mundo para lhe mostrar o sítio onde tinham vivido os seus verdadeiros pais.

O Pilha-Seca não conseguia imaginar-se velhinho, e então a Flávia disse que ele havia de ter montes de netos, e que os netos haviam de passar o tempo a berrar-lhe «dá de frosque, meu!», quando ele fosse mexer nos computadores deles. E que havia de saber montes de histórias sobre robotes e robotas que não podiam ser felizes porque os pais eram computadores com programas egoístas e avarentos.

Só o Zé Pedro é que não disse nada porque ainda andava a trabalhar nas obras do homem que ia fazer a tal estufa, e achava que ainda faltava uma eternidade para ser velhinho.

39

Às vezes a gente pensava se daí a muito tempo haveria um quadro da Inês de Castro à entrada da escola. E se alguém contaria histórias dos seus feitos, como se contavam os do reitor Simões.

A Outra achava que sim. A Flávia achava que não, mas não pode explicar porque tinha os dentes ocupados com o bolo de chocolate que a Luzinha trouxera, para comemorar o último dia de aulas e o irmão da Rosalina.

O João Nuno ficara um bocado a pensar, e perguntara:

- E se os teus pais, que são reis, te vierem finalmente buscar, o que é que tu fazes?

E a Rosalina dissera «digo-lhos que esperem e voltem daqui a 10 anos», lambeu os dedos e acrescentou:

- Também, para quem já esperou tanto...

E de repente demos por falta do Pé-de-Galinha. A Outra levou as mãos à cabeça e suspirou:

- Pensava que ele se tinha deixado disso...

E fomos todos atrás dele. O Zé Pedro levou o bolo debaixo do braço.

Pé-de-Galinha não estava nas salas, nem no bar, nem nas couves, nem aos pés do Magalhães. Saímos da escola. O dia estava lindo. A Menina Branca tinha-se cansado do namorado, e parecia mais feliz, e agora comia laranjas em vez de castanhas, e o sumo escorria pela boca e punha nódoas cor de laranja no branco do vestido. A Dó-do-Senhor, empoleirada no parapeito, lavava uma janela e estava em riscos de cair e de se espatifar cá em baixo, e lá se ia uma preciosa colaboradora do inimigo.

E o Pé-de-Galinha estava no meio da fonte e ria-se. E a água escorria toda pela careca, e pelo ar, e pelo sol, e ficava bonito à brava. E então entrámos todos para dentro da fonte, porque estava um calor insuportável. O Zé Pedro deixou cair o bolo de chocolate, mas ninguém se importou, e aquilo até era melhor assim, todo molhado e cheio de folhas.

A Flávia descolou finalmente os dentes e disse:

- Vamos acabar todos mortos de resfriado, como a minha antepassada - e riu tanto que se engasgou.

E o João Nuno disse «burra», e a Outra disse «ó meninos, saiam da água que se constipam», e com a água toda que tinha no cabelo nem se notavam as brancas, que ela diz que são por nossa causa.

E então apareceu um polícia que nos mandou sair da fonte.

A Alzirinha gritou:

- Hiiiiiiii!

Mas não foi por causa do polícia.

Ela contou, mais tarde, que tinha visto o reitor Simões passar mesmo rentinho à fonte, seguido por três gémeos de cabelo cor de fogo.

E que, por cima da sua cabeça, em vez da mão do Diabo, esvoaçava a Filipa.